ANO 3.º LISBOA--QUINTA-FEIRA, 11 DE OUTUBRO DE 1923 N.º 771

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 20 CENTAVOS
Administrador e Editor
MANZONI DE SEQUEIRA
Tel.: 3194 e 3195-C.—End. Teleg. DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, administração e oficinas
RUA LUZ SORIANO, 48
Impressão: Rua do Seculo, 49

A SITUAÇÃO de cuidado que a economia e finanças do país exigiram nos mesos ultimos vai melhorando, como o demonstra evidentemente o que se passou nos fins do mês passado, o que representa uma verdadeira afirmação da boa e sã administração portuguesa.

Ainda bem que assim sucedeu, e pena é que as contas do Estado não vão correspondendo abertamente á parcimonia e defesa das instituições economicas e financeiras, quer particulares, quer colectivas.

Ao menos, o exemplo dado, ha-de decerto modo influir junto do ilustre titular das Finanças que, segundo afirmam os jornais, procura tambem equilibrar os gastos do país, reduzindo onde fôr possivel, a principiar pelas despesas com o funcionalismo publico.

Tal situação de cuidado deu logar a que ultimamente se voltassem todas as atenções para o banco emissor que, de facto e de direito, preside aos destinos da economia nacional.

Segundo uns, a atitude do Banco não correspondeu á posição que disfruta; segundo outros, o seu procedimento estava em relação directa e na melhor harmonia com as autorisações legais do seu contracto e com as garantias imprescindiveis a que os mesmos obrigavam e a situação exigia.

Ninguem melhor do que o titular das Finanças poderá avaliar desse facto; e, decerto que á administração do Banco de Portugal deverá ter merecido a melhor atenção o facto de se dever continuar a manter firmemente o credito do país e das suas instituições economicas e financeiras, pois que a afirmação desse credito não só interessa a dentro de fronteiras, mas tambem, e, especialmente, fora delas.

Essa ordem de ideias é de esperar que se mantenha e se acentue cada vez mais, contribuindo patrioticamente para tal aquela instituição e colaborando intimamente com o Estado para que dentro em pouco se considere normal o estado financeiro e economico do país, que, no final de contas, é o bem estar de todos nós.

* * *

FORAM hoje publicados na folha oficial os decretos que autorisam os distintos professores da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, srs. drs. Pedro Antonio Betencourt Raposo e Caetano Antonio Claudio Julio Raimundo da Gama Pinto a continuar na efectividade do ensino, não obstante terem completado setenta anos de edade no decurso do ultimo ano lectivo. Ambos os decretos se fundamentam em que o afastamento daqueles ilustres catedraticos representaria um prejuizo incontestavel para o ensino.

* * *

ESTÁ aberto concurso documental para a admissão de professores provisorios nas escolas comerciais: Ferreira Borges, de Lisboa; Oliveira Martins, do Porto, e na de Coimbra; e nas industriais: Afonso Domingues e Antonio Augusto de Aguiar, respectivamente de Lisboa e Funchal.

* * *

REGRESSOU a Lisboa, com sua esposa a sr.ª D. Raquel de Barros e filhos, o nosso presado amigo e ilustre poeta dr. João de Barros, secretario geral do ministerio da Instrução.

O ETERNO MAL

A politica portuguesa tem que renovar-se em homens, ideias, processos e metodos de trabalho.

Governar como se tem feito, nos ultimos anos, é morrer sob uma infecção de lugares comuns.

Todas as nações que não desejam manter-se escravas dos seus velhos erros lutam desesperadamente para realizar aquela dificil operação de mudança de habitos que Carlyle estudou no seu livro tão original como nevoento — *Sartor Resartus.*

Nós temos que seguir-lhe o exemplo.

Não são as revoluções que se limitam a desalojar do poder governos sem folego nem decisão para os substituirem por outros da mesma especie funesta que hão de dar remedio aos nossos males.

Estas não passam de vulgares enchurradas, ruturas de canos de esgoto.

Carecemos de obra mais profunda e completa.

A maior parte dos nossos politicos são de tipo anarquista — criaturas que se debulham em fraseado tonitruante, mas que não raciocinam com ordem, com logica, com ponderação e com serenidade.

Estão de pé os mesmos problemas do principio da guerra.

Porque os não resolvem?

Escasseia a competencia que é filha da sciencia que prevê, construe e organiza.

Para destruir não faltam perturbadores.

Toda a dificuldade reside em fazer sair das ruinas qualquer coisa de util, quando não possa ser grande.

O sr. dr. Antonio José de Almeida, no discurso que leu aos jornalistas, ao apresentar-lhe as suas despedidas, referiu-se á situação mesquinha a que a nossa Constituição reduz o chefe do Estado.

Nas suas palavra sentia-se bem que falava uma experiencia de quatro anos, dolorosos e amargos.

Os partidos organizam os governos, com plena liberdade.

Infelizmente nem sempre procedem com acerto.

As suas conveniencias esquecem, despresam, com frequencia, os interesses supremos do país.

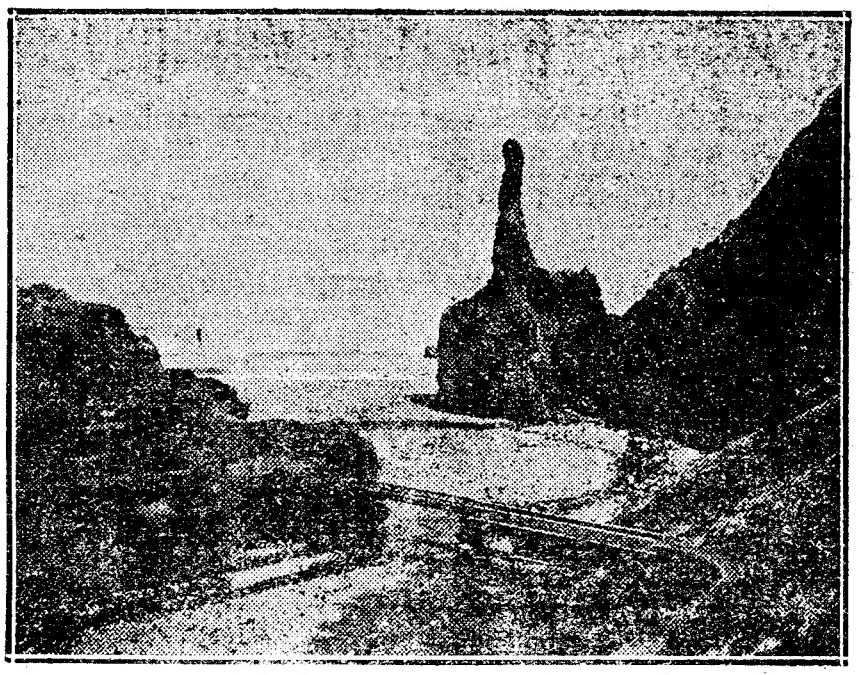
Necessitava-se que uma vontade forte, desembaraçada e isenta de paixões interviesse, eficazmente, na solução das crises ministeriais, evitando que estas se convertam em negocios de compadres.

O chefe do Estado encontra-se, entre nós, na situação de um homem que vê um perigo, sem ousar tomar as medidas necessarias para o remover, por isso lhe ser vedado.

O Parlamento, em vez de corrigir com a sua influencia tal anomalia, reforça-a, agrava-a.

A Constituição concorre assim para fazer dos nossas dôres uma especie de enfermidade cronica.

A ILHA DA MADEIRA



A RIBEIRA DA JANELA

ALGUNS jornais, crêmos que de melhor das intenções, veem dando curso ao malevolo boato de que a Agencia Geral de Angola gasta um rôr de dinheiro, pagando a alguns jornais tudo o que neles apareça de elogioso para o Alto Comissario e para a sua obra.

Como o *Diario de Lisboa* enviou á Madeira um dos seus redactores, para que este, á chegada do paquete *Angola* ao Funchal, obtivesse do sr. Norton de Matos os elementos necessarios para uma larga entrevista que publicámos, na segunda-feira passada, temos a dizer ás pessoas suspeitosas que procedemos por nossa livre e espontanea vontade, no desejo legitimo de fazer jornalismo, sem que ninguem nos haja pago ou venha a pagar as despezas e incomodos que tal reportagem nos acarretou. Note-se bem: não recebemos, directa ou indirectamente, um centavo. Tambem nos não recompensámos com qualquer serviço ou favor.

Parece-nos que merece mencionar-se o facto de darmos guarida, nas paginas do *Diario de Lisboa*, a todos os individuos, conhecedores de assuntos coloniais, que oponham objecções e criticas á administração do sr. Norton de Matos.

Isto quere dizer que não somos escravos da nossa opinião.

Devemos a verdade aos nossos leitores, tratando, portanto, de informá-los devidamente, para que formem os seus juizos.

Como já declarámos ha alguns meses, a Agencia Geral de Angola fez comnosco alguns contractos de publicidade relativa a assuntos que o publico tinha todo o interesse em conhecer. A tarifa aplicada foi a mesma a que se sugeitam todos os nossos anunciadores.

Nem mais nem menos.

Nem ela nunca pensou em comprar as nossas opiniões nem nós temos por habito vendê-las.

Os assuntos coloniais são dignos da nossa atenção. Estudamo-los e tratamo-los, como sabemos e podemos. Aos nossos colegas e ao publico em geral reconhecemos gostosamente o direito de divergirem de nós. Achamos, porém, que ninguem, com sombra de fundamento, pode acusar-nos de incorreções que nunca cometemos.

* * *

COM o sr. ministro da Agricultura, conferenciou um conhecido advogado que, representando um grupo para esse fim constituido, deseja conseguir facilidades para um largo plantio de cogumelos. O país oferece larga colocação ao produto, que pode, tambem, figurar vantajosamente entre as nossas exportações. O assunto, que ao sr. dr. Joaquim Ribeiro mereceu toda a atenção, vai por ele ser estudado com interesse.

* * *

BAPTISTA Santos. brilhante jornalista madeirense e secretario da redacção do *Diario da Madeira*, acaba de publicar um lindo e enternecido livro de versos intitulado *Rosas de Abril*. A ele nos referiremos oportunamente.

* * *

DEVE sêr posto á venda, no fim do corrente mês, em edição da «Renascença Portuguêsa» o poêma de Antonio Alves Martins, intitulado «Mulher de Bençam».

Em defesa

A politica na Madeira

Do sr. Eduardo Rocha Sarsfield, governador civil do Funchal recebemos a seguinte carta:

Senhor director—Leio habitualmente o seu interessante «Diario de Lisboa», mas uns dias de repouso no Minho fizeram com que só hoje tivesse conhecimento de uma entrevista ha dias publicada acêrca da politica da Madeira intitulada: «Um caso embrulhado».

Já ha tempos a boa fé do «Diario de Lisboa» foi iludida com outra entrevista, onde com os mesmos intuitos se afirmava que todo o barulho com a politica do meu distrito se filiava no facto de na minha posse ter feito promessas que passados quasi 2 anos não foram realizadas. Dias depois v. na primeira pagina colocava as coisas no seu devido logar, e, lealmente provava que o que eu prometi, fôra efectivado pelo ex-ministro do Comercio ilustre homem publico sr. Lima Basto.

A entrevista de agora foi lida por mim com um sorriso e creia v. que senti até satisfação porque dela resalta aitida e claramente que nunca me deixei arrastar por interesses, nem mesmo pelo interesse politico de um voto na junta geral do distrito, onde hoje as forças são quasi iguais.

Voto, diga-se de passagem, que foi eleito por favor do meu talentoso amigo dr. Pestana Junior, pelo seu concelho de Santana porque o entrevistado não tem votos para se eleger a si, nem mesmo pelo seu concelho da Calheta onde os antigos reconstituintes mantêm o seu antigo predominio politico e eleitoral e a prova é que por lá foram eleitos 4 procuradores, hoje nacionalistas.

Reputo-me dispensado de desmentir as invenções da entrevista porque a informação telefonica de Lisboa para a «Montanha» de 3 do corrente que agora acabo tambem de vêr, esclarece suficientemente o assunto e por isso aqui junto:

«Como aqui causaram certa impressão as inverosimeis declarações dum tal Pedro Gouveia a respeito do governador civil do Funchal, procurei saber quem era este entrevistado e acabam de me informar que é cunhado de Vieira de Castro, socio nas manteigas e a quem o governador proibiu a saida escandalosa de manteiga, como eles imploravam.

Está explicada a entrevista, que é inconciliavel com o que tenho ouvido a varias pessoas do Funchal, a respeito da acção do sr. Sarsfield».

Por consideração para com o «Diario de Lisboa» eu podia citar uma longa serie de nomes de pessoas que neste momento me ocorre ter abraçado no cais e a bordo no momento da minha partida, mas mesmo que fosse verdade o que se diz na entrevista e que eu me visse sosinho, completamente descompanhado, o que aliás tem acontecido a muitos ilustres politicos que têm passado pelo ingrato e pouco favejavel lugar de governador civil do Funchal, eu não deixaria de sentir o que senti tão bem acompanhado, esse goso intimo da minha consciencia, pela consolação de ter cumprido honradamente o meu dever, servindo a Ilha da Madeira com a maior dedicação, afastando do Palacio de S. Lourenço os que se acolhem á politica para satisfação dos seus odios pessoais ou dos seus desmedidos e mesquinhos interesses mercantis.

Posto isto, afirmo a v., com absoluta sinceridade, que não me molesta vêr envenenar, deturpar ao sabor das conveniencias e interesses de quem quer que seja, os meus actos como governador civil do Funchal porque a verdade rebrilha sempre em toda a sua limpida beleza.

E como os meus passos foram sempre tambem norteados pelo ideal patriotico de bem servir o meu país, dei-lhe todo o meu modesto esforço e feliz me considero por ter ajudado a reconquistar os imanentes principios de justiça e de pureza, o que aliás julgo eu a mais bela forma de dignificar a Republica.

Agradecendo a v. a publicação desta explicação tenho a maior honra em me assinar de v. etc.,—*Eduardo Rocha Sarsfield*, governador civil do Funchal.

OURO
muito mais BARATO
Grande sortimento de cordões, correntes e mais objectos de ouro
SO VENDE BARATO a Ourivesaria
— CORREIA & MOURA —
R. de S. Paulo, 186 — Lisboa
(Proximo á Casa da Moeda)

A venda de bilhetes na Estação do Rocio

No intuito de facilitar a aquisição de bilhetes para os comboios de longo curso e acabar com a costumada «bicha» nas bilheteiras do Rocio, a C. P. resolveu que a venda de bilhetes para os comboios rapidos seja feita em bilheteiras especialisadas para esse efeito, realisando se noutras bilheteiras a venda para os comboios omnibus, isto é, para os restantes comboios da grande linha.

Nos respectivos «guichets» estão indicados os comboios para os quais as bilheteiras são especialisadas.

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

SERVIÇO DE SAUDE

Concurso para enfermeiros de 3.ª classe—Prorogação de prazo e modificação de horarios

Pelo presente é prorogado, até 30 de outubro, o concurso documental e de provas praticas, aberto para provimento de logares de enfermeiros de 3.ª classe, com o vencimento de escudos 90$00 mensais, com casa de residencia ou respectivo abono de 80$00 anuais e subvenção temporaria de escudos 371$00 mensais. Os candidatos deverão apresentar documentos autenticos de aprovação no curso completo de enfermagem, passado por qualquer escola do país, e quaisquer outros comprovativos das suas habilitações, certidão de idade e certificado do registo criminal.

Depois de julgados aptos pela junta medica, serão sujeitos a uma prova teorica e pratica, na séde do Serviço de Saude, em Lisboa-P, paru a sua classicação em mérito absoluto e relativo.

A nomeação será tornada definitiva findos 6 meses de serviço efectivo com boas informações; passados dois anos de bom serviço, serão promovidos á segunda classe, com o aumento de escudos 27$00 mensais no vencimento e de 23$00 na subvenção.

Todos os outros esclarecimentos que os candidatos desejem obter, serão prestados na séde do Serviço de Saude, em Santa Apolonia, todos os dias uteis, das 10 ás 17 horas.

Lisboa, 2 de outubro de 1923.—Pelo director geral da Companhia, o engenheiro chefe da exploração (a) *Lima Henriques*.

IMPRESSÕES

Bilhetes POSTAES do FUNCHAL

A mulher — A vida na Ilha — A religião

(A Gomes de Sousa)

O que caracterisa o madeirense tanto o da cidade como o da montanha, é um profundo, enternecido amor á sua terra. Ama-a como um poeta ou como um pintor. Sabe-lhe traduzir as vozes dos rios, colorir as montanhas, arrancar ao Oceano os segredos das ondas, rimas de espuma, rimas azues de vaga.

* * *

No Funchal, em Machico, Camara dos Lobos, na ilha inteira, não ha «bedekers» nem roteiros.

O madeirense é um peregrino, um indicador constante da belesa da sua terra. Conhece-a a palmos, ensina-a, aponta-a, dá-a a conhecer nos entusiasmos quentes da sua palavra-paleta de paisagista, sofrego de luz, de epopeias de oiro, de hinarios de côr, onde as tintas se confundissem, como numa tela de Manet.

* * *

Outra caracteristica do madeirense — o isolamento, que nasceu da expressão geografica da terra. Os aldeamentos são raros. Ficaram as vilas da colonisação primitiva. Quem nasceu depois, construiu uma casa, fez lar, tem terra. É senhor, sem senhor. Fitar um curral, é vêr um bando de pombas recolhidas nas anfrutuosidades dos rochedos. As casas são lindas, dum só andar, beiral vermelho, com muitas janelas, abertas sobre o mar, viradas ao mar, com persianas verdes, porque o sol é muito. A levada perto canta, o vinhedo enflora ou matura a uva, a cana doce alastra-se.

* * *

Funchal, dos mercados, é fresco e colorido como a aguarela inglesa. E' picante de frutos, tem a maresia do peixe e o aroma das flores. Em cada cesto de compras é obrigatorio: bananas, açucenas, uma espada enroscada.

* * *

Funchal tem uma Sé manuelina, com uma bela rosacea e uma bela custodia lavrada em oiro, oiro da India e das descobertas, irmã da de Gil Vicente. A Sé é fresca como um claustro. Tem no altarmór, paineis velhinhos de santos pescadores, que lembram as paginas iluminadas dum missal, em exposição. O tecto é de cedro, heroglifado, como a mesquita de Oman.

* * *

No madeirense a religião é mais forte que a terra, e mais funda que o Atlantico. Ficou a rezar desde que Gonçalves Zarco desembarcou na praia do Machico. E' uma religião profunda que se traduz no vestuario, negro e simples, na taboa do rosto, grave e ascetico.

Os padres passam com os seus habitos talares na rua. O viatico tambem. Contase: um dia um homem foi despedido dum banco, por ter roubado uma quantia importante. Confessou se. Horas depois essa quantia era atirada pela janela para dentro do banco, sem que ninguem procurasse deter o homem, que, arrependido, assim procedia.

* * *

A mulher da Madeira! Não é linda, mas a sua face é dôce, entrestecida, palida e resignada. Passa com os olhos no chão como se voltasse da egreja, uns lindos olhos encantados pelo mar, com rastros, não apagados, de lagrimas. Não canta. Não fala. Quasi não sorri. Quasi não ama. Ficou-me lá o coração...

A. P.

Atophan SCHERING
Não existe remedio egual a este para combater a GOTA, o RHEUMATISMO ARTICULAR, a DOR SCIATICA, Rheumatismo lombar, etc.
ELIMINA O EXCESSO DE ACIDO URICO
EM TODAS AS BOAS FARMACIAS

Fonsecas, Santos & Vianna
BANQUEIROS
ESTABELECIDOS EM 1861
Rua do Comercio, 116 a 132

Mundanismo

Aniversarios

Fazem ámanhã anos as senhoras:

Condessa de Carle, D. Eugenia de Melo Breyner Cabral da Camara, D. Maria Tereza Mayer de Magalhães, D. Emilia Pimentel, D. Maria da Conceição de Castro e Lemos de Alarcão, D. Octavia Fuschini de Lima Mayer, D. Maria Bruna Zuzarte de Mascarenhas Moraes e Athayde e D. Maria Eugenia Gorjão Henriques.

E os srs.:

Marquez de Mendia, Conde de S. Lourenço, Visconde de Assentiz, D. Rodrigo de Serpa Pimentel, José Manuel de Barahona Fragoso (Esperança), Luiz de Andrade Fino, José Lopes Ribeiro Tavares e Adolfo Lexton Milter Lawes.

Pontos de reunião

Agenda

A nossa sociedade elegante dá «rendez-vous» ámanhã de tarde nas «matinées» do Chiado Terrasse, onde continua com grande sucesso a companhia infantil de revista e comedias e no Salão Fox, nas variedades e «films» de exito e á noite na reprise da «Ultima Valsa» no teatro de S. Luis e na segunda apresentação neste inverno, no teatro de S. Carlos pela companhia D. Lucilia Simões-Erico Braga.

—A'manhã realiza-se no S. Luis a recita da moda devendo portanto resultar brilhantissima.

Em viagem

Regressaram de Carcavelos á sua casa na Amadora o sr. Dr. Francisco de Almeida Coelho e Campos, sua esposa a sr.ª D. Elisa Otolini de Campos e seus gentis filhinhos.

— De regresso da sua viagem pela França e pelo norte de Portugal encontra-se já em Lisboa, o sr. Dr. Alberto Valado Navarro.

— Regressou do Mont'Estoril a senhora D. Suzana de Lisboa Oliveira Dores.

— Da Praia de Ancora regressou a Lisboa, com sua esposa o sr. Carlos de Noronha Cordeiro Feio.

— Tambem vieram daquela Praia os cadetes de artilharia srs. Mario de Lisboa e Henrique Cunha.

— Regressaram da Parede á sua casa na Luz, o sr. D. Carlos de Noronha (S. Martinho) e seus interessantes filhinhos.

— Encontra-se no seu solar em Ceissa, com seu interessante filho Eduardo Manuel, a senhora D. Laura de Moura Coutinho Almeida de Eça Braamcamp de Matos.

— Regressou da Povoa do Varzim a Estre-Rios o sr. Antonio J. da Silva Teles Junior.

— Regressou de Belas o sr. Victor Ribeiro de Menezes.

— Regressou de Soutelo o sr. José Borges de Faria.

— Regressou de Atouguia da Baleia o sr. José Joaquim Correa Monteiro.

— Regressou de Cintra o sr. Adrião Jordão.

Doentes

Tem estado gravemente doente na sua casa do Monte Estoril, o sr. Abel Barradas que tão depressa lhe seja possivel parte para França em restabelecimento.

—Por noticias vindas do estrangeiro sabemos encontrar-se melhor o sr. Antonio Maria da Costa. Sua nora a senhora D. Carmen Correia Leite Belmar da Costa tambem está melhor.

—Encontra-se melhor o sr. Luis de Sommer.

—Encontra-se na Figueira da Foz, com seus gentis filhinhos, de regresso do Rio de Janeiro, a senhora D. Maria Margarida Canaverro Fernandes Costa, esposa do sr. Francisco Fernandes Costa.

A's Senhoras
Capsulinas para tratamentos varios, anemia, etc., sistema estrangeiro.
Calçada da Estrela, 13, 1.º Esquerdo

CIMENTO
«AUDAZ» e «TENAZ»
Qualidade garantida para trabalhos de responsabilidade
UNICOS DEPOSITARIOS:
MELLO DA SILVA & SEQUEIRA, LIMITADA
Rua Nova do Almada, 24-2.º D.
LISBOA
Telefone C.-587 Telegramas: *Meloseque*

CAMINHOS DE FERRO DO ESTADO

Direcção de Estudos e Construção

Serviço de estudos e construção da rede sul
Linha de Estremoz a Castelo de Vide
1.ª secção de Estremoz á fronteira

ANUNCIO

Pelo presente anuncio se faz publico, que no dia 18 de Outubro do corrente ano, pelas 15 horas, perante a Direcção de Estudos e Construção dos Caminhos de Ferro do Estado, se hade proceder á arrematação da empreitada n.º 12 de execução de terraplanagens entre os perfis 128 e 148 da variante de Santo Amaro, da 1.ª secção da linha de Estremoz e Castelo de Vide.

A base de licitação é de 105.923$06.

O deposito provisorio da importancia de 2.648$08, deverá ser efectuado até ás 13 horas do dia anterior no da arrematação, em quaisquer das tesourarias destes Caminhos de Ferro.

O programa do concurso e caderno de encargos, estão patentes na Secretaria do Serviço de Estudos e Construção da rêde Sul, rua de S. Mamede, n.º 63, ao Caldas, Lisboa, e na Secretaria da 1.ª secção da linha de Estremoz a Castelo de Vide, em Estremoz, onde podem ser examinados todos os dias uteis, das 11 ás 17 horas.

Lisboa, 19 de Setembro de 1923.

Pelo engenheiro-chefe do Serviço de Estudos e Construção da Rêde Sul

C. Carvalho

FÉ E ESPERANÇA

A peregrinação a Lourdes dos madeirenses

D. Antonio Manuel Pereira Ribeiro, Bispo do Funchal

fala ao Diario de Lisbôa

Num scenario fresco, matinal, arrebol de luz, como uma vespera de anjos, tocada de oiro e da frescura das vinhas, que já tiveram ilôr, que já deram vinho, e agora adormecem cansadas e exaustas na terra morta — o vulto branco, casto e dôce da cazinha alta duma igreja e o berço da paisagem madeirense, que sorri sempre, menina e moça, acolhe os passos mudos do peregrino da cidade, deixa-o perder no corredor, onde o silencio é fundo, até que uma voz e um gesto lhe apontam, a sala ainda vazia da figura nobre do principe da igreja.

E' uma quadra de convento provincial, lembrada pelo sol, todos os dias; chega-se á janela e ouve-se o mar que se não vê, e escuta-se a agua que canta e salta em pias votivas. Como na Biblia, a vida de Noé, lentamente, braceja sobre os beirais.

Lá dentro, sobranceira ao solio, a veronica do Senhor, um retrato de Sua Santidade, uma Imaculada Conceição — um pouco de ceu, nas paredes que são muito brancas, como paginas de missal, entretecidas de dôces e suaves iluminuras.

Faz-se um ruido discreto detraz de uma porta. Olhamo-la. Passos no corredor, e o bispo do Funchal, alto e masculo na sua batina de seda, apartada pela facha escarlate, cruz peitoral, murça, solidéo, sapatão de fivela, meia vermelha, entra, abençoando o peregrino, que lhe beija a amethista episcopal. Senta-se no sofá, afastando as almofadas vermelhas. E' uma figura de Veroneso, que lançaria com elegancia uma purpura cardinalicia, muito Roma, Roma consistorial, Roma vaticana.

Não tem teatro, mas tem imponencia. Na face pesada, como um busto de imperador romano, tem um sorriso constante, que os labios, apesar de grossos, espiritualisam e aproximam.

Tem eloquencia e tem côr. Descreve e narra, subtilisando as tintas. A sua voz, breve e pequenina, como que dourada pelas orações, conversa, prende e fascina. Já ela vai a caminho de Lourdes, pela Italia, fixando a paisagem, com os peregrinos madeirenses, não se esquecendo de Pompêa, de La Guardia - onde foi depois, quando regressou a Portugal, — tendo como um antistite da renascença, a volupia das ruinas e das cinzas, das lavas e das pedras seculares.

—Ha muito tempo que os madeirenses não realisavam uma peregrinação! Foram cento e quarenta. Iam a cantar... iam a chorar... iam a resar.

—De tão longes terras, por tão fundos mares...

—Tão longe — diz o bispo a sorrir — que em França houve quem julgasse que a Madeira fosse uma ilha perdida nas Antilhas.

As suas mãos cuidadas, muito palidas, brancas de tocarem os paramentos da igreja, levantam a Cruz. Cada gesto, é uma benção, lenta e suave.

—Todos ficaram encantados com a peregrinação. Desembarcámos em Palermo. Pediram-nos os passaportes, a nós que levavamos apenas, biblias e orações. Dois dias de incidentes, teimosos, que nos fizeram sofrer, porque o navio tinha que seguir com novos passageiros. Por fim, tudo se arranjou, e caminhamos para Napoles.

—Ao encontro de Roma...

—Buscando Roma, sim. Por onde passavam os peregrinos madeirenses, ficavam o amor, a ternura, a fé religiosa. Num convento de freiras, a doçura dos peregrinos, a suavidade do seu trato, a docilidade da alma, foram tão enternecedoras, que elas choraram á despedida. Nas grades do convento, haviam pombas a voar...

—E vossa reverencia?

O bispo sorria, não deixára de sorrir ainda. Nervosamente, por vezes, as pupilas desapareciam-lhe nas palpebras, como que guardando uma quente e divina visão interior. Então o seu sorriso era mais fino, mais leve, como se a alma o brincasse:

—Visitei Pompeia. Visito-a sempre quando vou á Italia. Ruinas e céu. Vias lageadas, onde as colunas dos templos, dormem vinte de seculos. Em algumas casas ha frescos tão bem conservados, com a tinta tão brilhante e tão limpida como os da capela Sixtina.

—Roma! — fizemos nós quasi em silencio, emquanto a agua fóra cantava, e no céu puro para os vôos das pombas, o sol ardia como um oiro religioso. Involuntariamente, talvez, o bispo do Funchal, ergueu devagarinho o solidéo.

—A peregrinação madeirense foi recebida por Sua Santidade na sala Consistorial. E' uma honra rara, Assisti. Em três filas concentricas, ela ajoelhou para ouvir a palavra do Santo Padre... A sua saudação, que foi brilhante, comoveu-os. Choravamos. A palavra Deus, sobre a palavra Portugal — a Cruz sobre o coração. A recepção, era só para nós, mas quatro camponesas dos Abruzzos, que nunca tinham posto, decerto, um lenço na cabeça, tinham-se introduzido nas nossas fileiras. Sua santidade, reparou nelas, e muito humildes, arrependidas, confessaram que não eram da Madeira... Bento XV quiz que eu traduzisse o seu notavel discurso.

Aqui acentuou a voz, como se estivesse psalmodiando um texto divino, emquanto a mão direita ia revoluteando, lançando bençãos.

—Para quê, se eles tinham compreendido tudo? O coração tambem ouve, não lhe parece? As minhas palavras despertaram mais lagrimas. Sua Santidade, deu depois a sua mão a beijar a cada um dos peregrinos.

Fez-se um pequeno silencio. Lá fóra a agua cantava timida, como um choro de criança, enternecida por uma caricia dolente. O sol, alto, franjado de oiro, batia nas janelas, entrára no salão, era já como um renque de cirios acezos iluminando, piedoso e humilde a Imaculada Conceição.

Voltamos a conversar:

—E em Lourdes...

—Os madeirenses eram sempre os primeiros. Iam sempre á frente das procissões. Deixavam-os passar com respeito, por onde fossem... Se eles vinham de tão longe!... Das Antilhas!... Conhece o «En Route» de Huyssman?...

—Um pouco, Reverencia...

—Lourdes cheia de peregrinos, a cantarem o «Avé! Avé!», o correr do «Gave», os doentes junto da capela, as piscinas, a hora do banho, os cortejos, a procissão do Santissimo, o carinho dos «brancadiers»—tudo isto ele observou, ele pintou, observando com a alma, pintando com a retina turvada de lagrimas. Zolá, que eu não leio, dizem-me tambem que descreve admiravelmente a chegada do celebre trem branco. Conhece o seu livro — «Lourdes»?

—Duma leitura dos dezoito anos.

—Para mim, a mais bela procissão, é a do Santissimo Sacramento. As palavras, são lagrimas. Todas as bocas rezam, todos os corações sofrem, e cem mil cento e cincoenta mil peregrinos, de mãos postas, ajoelhados na terra, esperam que o sacerdote lhes leve o Santissimo. Então os milagres brotam maravilhosos. Uma aleluia imensa, uma alegria frenetica irrompe daquela mole compacta, e as hossanas e os hinarios fremem ardentemente em todas as bocas.

—Houve algum madeirense miraculado?

—Duas mulheres. Uma que não comia e outra que tinha a cara em ferida. Vieram completamente curadas. Outra, porém, foi cega e cega voltou.

—Quando volta Vossa Reverencia a Lourdes?

—Prepara-se uma peregrinação, mas é muito cara. E' só para os endinheirados, e eu... sou muito pobre...

Ficou a sorrir sobre a frase, olhando a sala de moveis antigos, onde o solio coberto de seda branca, filigranada de oiro, marcava um logar que ele não quiz ocupar, para nos receber.

—Lembra-me agora um episodio curioso, sucedido com o nosso cardeal Neto.

Interrogou:

—Conheceu-o?

—Não, balbuciámos, timidos.

—Tinha um feitio seco, brusco, que chegava a ser rispido. Nunca ninguem o tinha visto comovido. Um dia, em Lourdes, após a procissão do Santissimo, que foi tocante, o cardeal Tarbes, quiz conhecer as suas impressões... O nosso cardeal, primeiro, repeliu-o, sacudiu-o. Queria esconder as lagrimas e não podia. Depois, entre soluços, muito baixinho, disse-lhe:

—Ah! Fosse eu a Santa Virgem, que os curaria a todos!

ARTUR PORTELA

TODAS AS MAES
devem dar a seus filhos NERGEN na hora das refeições:
FORTALECE E DESENVOLVE
Nas Farmacias e nos Depositarios:
Costa & Campo, L.da
Rua Augusta, 229-2.º
LISBOA

DR. MIGUEL DE MAGALHÃES
Monitor da clinica de Necker — Paris
RINS e vias urinarias. Venereologia e sifilis
T. N. de S. Domingos, 9 1.º, ás 15 h. Telef. 5205

Alfaiataria
Confecções para senhoras e crianças
BANDEIRAS nacionais e estrangeiras.—Aquiles Teixeira—Rua dos Fanqueiros, 209-213. — Lisboa—Telefone N. 5142.

OFICINA DE CALÇADO DE LUXO
GIL, L.DA
SALAO DE VENDAS AO PUBLICO
PREÇOS REDUZIDOS
SERVIÇO DE ASCENSOR
ROCIO, 93-4.º

Gama
GRANDE VARIEDADE DE BILHETES, FRACÇÕES E CAUTELAS
para todas as
LOTERIAS
Fornece para revender
PREÇOS CORRENTES
— Pelo correio mais $20 para registo —
TELEFONE NORTE 4020
Pedidos a
F. SILVA GAMA
R. do Amparo, 51 — LISBOA

Dr. Cordeiro Ferreira
Doenças das crianças
Praça Luiz de Camões, 36, 1.º-Tel. C. 1665

QUEM QUER
VESTIR BEM E BARATO
confronta os preços do
DEPOSITO DA COVILHA
porque vende directamente da fabrica ao consumidor esplendidas fazendas de lã para fatos e vestidos
TEM ALFAIATES
LÃS EM FIO PARA MALHAS
ROCIO, 93, 2.º ANDAR
Telefone 4670-N. — Ascensor
Filial, R. do Ouro, 206, 1.º (entrada Loja da America

Banco da Madeira

(Fundado em 1920)

FUNCHAL

Capital realizado..... (Escudos) 4.000.000$00
Fundo de reserva..... (Escudos) 837.448$01

Correspondente no Continente e nas principais praças do mundo. Depositos á ordem e a praso em moeda portuguesa e estrangeira.

Compra e venda de cambiais, notas e moedas estrangeiras
Cartas de credito, ordens telegraficas, etc.

Operações bancarias em todos os generos

Banco da Madeira

Filial de Lisboa

Rua de São Nicolau, 74 a 80

"MADEIRA-HOUSE,,

FUNCHAL---Ilha da Madeira

A casa mais antiga de bordados feitos á mão

SUCCURSAES em:

LISBOA—Rua da Conceição, 131, 2.°
LONDRES—Cheapside, 119, E. C.
PARIS—Boulevard Sebastopol, 92
JOHANESBOURG—Kerk Str., 47
NEW-YORK—Fifth Av., 111

Proprietarios

REID, CASTRO & C.ª

Banco Colonial Portuguez

Rua Cristovão Colombo, 5 a 9

FUNCHAL **MADEIRA**

End. telegr.—PROCOLONIA

Séde em Lisboa—RUA AUREA, 175 a 191

SUCURSAIS no Porto, Rio de Janeiro e Africa Ocidental e Oriental Portugueza

Correspondentes em todas as localidades do continente, ilhas e em todas as praças estrangeiras

A SAUDE PUBLICA

A população da Ilha da Madeira

DEFINHA-SE POUCO A POUCO

devido á fabricação excessiva do alcool

Foi o espirito, a tenacidade e o metodo dum inglês, que deu á Madeira uma das suas maiores riquezas.

E' um erro julgar que dois individuos de raças diversas, temperamentos opostos, qualidades antagonicas, não podem pôr em comum os seus processos de trabalho.

Pelo contrario, ajudam-se, corrigem-se, desenvolvendo a obra a que ambos se votaram. Porque, enquanto o primeiro tem determinadas qualidades, o segundo tem outras, constituindo assim, os dois, um todo homogeneo e solido, onde todas as dificuldades resaltam.

O pensamento progressivo, superior e culto dum inglês ao lado das qualidades de energia e perseverança da gente portuguesa, que se adapta facilmente, como nenhuma outra, a todos os meios, produziram e desenvolveram na Ilha da Madeira a industria sacarina.

Essa aliança de trabalho, que tem dado os mais belos resultados, deve-se a William Hinton, falecido em 1904, e tem sido continuada, conservando sempre as mesmas tradições de lealdade e justiça, que caracterisaram o fundador da fabrica do Torreão, pelo seu filho e actual proprietario Henry Hinton.

Homem de rara energia, duma extraordinaria actividade, espirito aberto a todas as descobertas da sciencia, dum trato afavel e cheio de lhaneza, inglês pela sua terra, mas português pelo seu coração, como o tem demonstrado em varias iniciativas que beneficiaram o Funchal, Henry Hinton não se importa de descer dos seus escritorios para ir confraternisar com os seus operarios, em camaradagem sincera e leal.

O seu tipo destroe a lenda do anglo-saxão, rispido e material, que deseja apenas o interesse das suas emprezas, desprezando aqueles que o ajudam.

O moderno pensamento sociologico ensina que a acção particular, para se tornar eficiente e duradoura, precisa de ser integrada na acção comum. E' isso que Henry Hinton tem feito na sua fabrica do Torreão, onde os operarios o tratam, não como um patrão, mas como um pae, como um homem humanitario, que os tem salvo de muitas crises de trabalho.

O madeirense ignora o que seja a palavra *chômage*. Hinton, riscou-a do dicionario francês.

Hoje, toda a Ilha da Madeira, desde o agricultor humilde, que vive no campo até ao trabalhador da cidade, estão interessados na industria sacarina.

Para eles, ela representa o pão e a riquesa.

A fabrica Hinton & Sons, é o mais importante factor da riquesa madeirense. A cana doce, que nasce quasi expontanea e que, infelizmente, não é preparada com os necessarios adubos, dá, quando cortada, pasto para os gados; depois, sujeita ao fabrico, transforma-se em assucar. E é este assucar de inegualavel pureza e cristalisação, que os tecnicos da fabrica Hinton capricham em aperfeiçoar, que a população da madeira consome, participando do seu fabrico.

Mas Henry Hinton não quiz que a sua obra ficasse apenas nas suas mãos. Reconhecendo, logo de inicio, as qualidades dos portugueses, associou-os na direcção da sua fabrica.

E' português o inteligente quimico que as dirige, sr. Frazão. Todos os estrangeiros que visitam a fabrica, admiram-se dos processos modernos que ele introduziu no fabrico.

Português é tambem o gerente que orienta os escritorios, o sr. João de Freitas Belmonte. Homem de rara elegancia moral, espirito claro e vivo, que dirige e domina todos os negocios da importantissima casa Hinton, ele sabe, como ninguem, graças ás suas primorosas qualidades de carinho e educação, fazer-se amar, não só pelos operarios que o veneram, mas, ainda, respeitado por todos aqueles que com ele convivem.

São importantissimas as instalações da fabrica Hinton & Sons, sem duvida, as mais modernas e mais perfeitas que existem em terra portuguesa.

Ocupando uma formidavel extensão, empregando mil operarios, dotada de todos os maquinismos mais aperfeiçoados — a fabrica do Torreão, suscita os elogios de todos os tecnicos estrangeiros que por lá passam.

O fabrico do assucar é inegualavel. O sr. Henry Hinton, mantendo e continuando as tradições legadas por seu pai, capricha em melhorar todos oa metodos de lavagem, refinação e cristalisação do assucar madeirense.

* * *

Pena é que parte da cana do assucar seja desviada do seu fim essencial para a distilação de aguardente que está definhando a população da Madeira, diminuindo os impostos do Estado, e, ainda, obrigando o comercio a importar bastante assucar, isto é, a perder oiro.

Agora que a America do Norte decretou o regimen seco, e o defende com toda a energia; agora que por todo o mundo se fundam sociedades contra o alcool, e que os medicos de maior renome pregam em conferencias, tanto na praça publica como nas academias mais doutas dos seus respectivos paises, os inconvenientes do alcool que origina tantas miserias, dá causa a tantos crimes, provoca tantos suicidios, faz decrescer a natalidade e agrava extraordinariamente todas as doenças—assistimos na Madeira a um espectaculo degradante que confrange e horrorisa!

A população mal alimentada, trabalhando com a energia artificial, que o alcool lhe empresta, efemeramente.

Observe-se um homem do povo. Cara macilenta, olhos encovados, pupila vasia de côr, repentes bruscos e cansaços longos.

O que é? E' o alcool, que, daninho, corrosivo, lhe queimou as entranhas, lhe imobilisou o cerebro, paralisando-lhe a vontade. E, como se isto não bastasse, o Funchal, que tinha apenas um manicomio, acaba de construir outro.

E' o envenenamento, lento e progressivo da população, que a conduzirá a terriveis estados, cujas consequencias não são dificeis de vislumbrar.

Existe na Ilha da Madeira um *stock* enorme de aguardente, fabricada com a cana do assucar, o que fez diminuir no mercado as reservas deste produto, motivo porque ela tem de importar até ao fim do ano, mil e seiscentas toneladas de assucar.

Ha numerosas fabricas de aguardente em toda a ilha, que produzem a chamada aguardente de cana, que tantos males está causando á população.

Apezar do governo ter estabelecido que, no decorrer deste ano, se fabricassem apenas quatro mil hectolitros, que deviam pagar o imposto de quarenta centavos por litro á 9.ª Região Agricola, e doze centavos ás Camaras Municipais — essas fabricas produzem, porém, uma quantidade superior a quinze mil hectolitros, não os manifestando.

Como é de calcular, este excedente não paga impostos.

As fabricas tiram, pois, ao fabrico do assucar e alcool o correspondente a 15.000 toneladas de cana, que poderiam produzir 1.200 toneladas de assucar. Isto traria incalculaveis vantagens ao comercio da Madeira, que deixaria de importar, como está fazendo actualmente, e além disso, mais 180.000 litros de alcool para o tratamento dos vinhos generosos da Madeira.

Esses 11.000 hectolitros de aguardente, produzidos a mais, que não beneficiam, nem a 9.ª região nem as camaras, mas sómente os fabricantes de aguardentes— podiam e deviam ser substituidos pelos nossos vinhos de pasto do continente, muito mais robustecedores que a aguardente. Com isto só teriam a lucrar os mercados de vinhos do continente, visto que poderiam colocar na Madeira, á vontade, 75.000 hectolitros de vinho de pasto, isto é, de 14.000 a 15.000 pipas por ano.

Este vinho importado pela Madeira, pagando o imposto camarario de sete centavos por litro, como está fixado, daria á municipalidade uma receita de 525:000$00 por ano.

Esta situação, que os nossos leitores apreciarão, não pode continuar de maneira alguma. Não se trata do interesse de uma fabrica que tem já o seu credito e o seu comercio firmados, mas sim, da vida e da higiene da população madeirense. Trata-se tambem dos prejuizos que o Estado sofre, e ainda de abrir aos vinicultores do continente o grande mercado, agora tão oportuno, em virtude de estarem suspensas as nossas relações comerciais com a França.

A cana doce, sendo um bem para a Ilha da Madeira, não pode nem deve tornar-se um perigoso e terrivel mal. A prolongar-se o actual estado de coisas, que o Estado deve encarar severamente, não dispensando nenhum elemento de consulta, nem nenhuma opinião autorizada, a Madeira, que é uma ilha rica, graças á fertilidade do seu solo, pode de um dia para o outro ter os braços que a cultivam imobolizados e cansados.

A moderna politica de todos os Estados é diminuir as importações e aumentar as exportações. Sem elas não ha politica economica — afirmam. Temos, pois, razão se afirmarmos, que o futuro da Ilha da Madeira depende do cultivo da cana doce, e que foi um pouco, graças a ele, que as industrias subsidiarias, o comercio e os negocios se desenvolveram e prosperaram.

E' preciso pôr de lado todos os interesses, todas as influencias politicas, todos os «chauvinismos» teimosos, para estudar este problema.

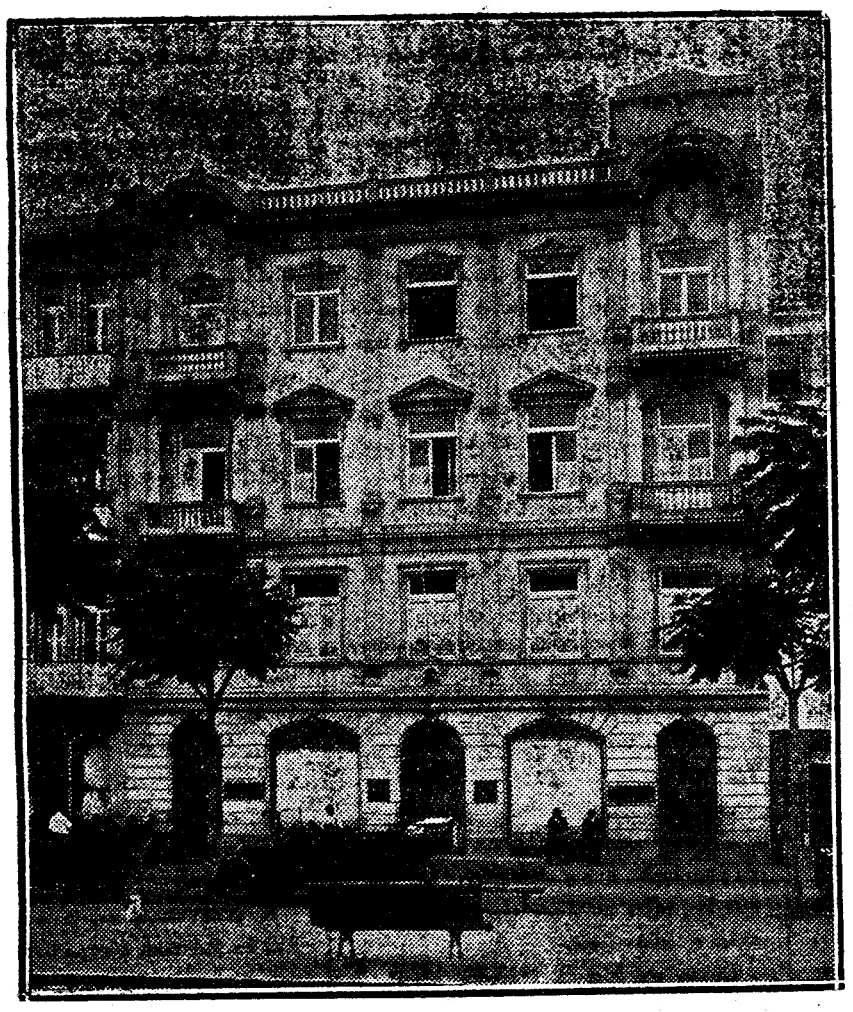
A fabrica Hinton & Sons, entende que é seu dever produzir tanto assucar quanto os mercados portugueses consomem.

* * *

Deste rapido e desataviado estudo economico, conclue-se que, dependendo a vida da Madeira do cultivo e fabrico da cana do assucar, que emprega mais de um terço da população da Ilha, necessario se torna que o governo estude o problema, rapidamente, evitando males, que, na sua origem, se podem debelar com facilidade.

Henrique Figueira da Silva

BANQUEIRO E INDUSTRIAL



ENDEREÇO TELEGRAFICO:

"PENHA" — FUNCHAL

CODIGOS { Ribeiro
A. B. C. 4.ª e 5.ª Ed.
Lieber

TELEFONES N.os 88 e 693

Caixa postal n.° 51

ESCRITORIOS:

AVENIDA DR. MANUEL DE ARRIAGA

FUNCHAL — MADEIRA

Efectua todas as transacções bancarias em geral

Correspondentes no País e nas principais cidades do estrangeiro

AGENTE DO

BANCO PORTUGUÊS DO CONTINENTE E ILHAS

(Consorcio Bancario dos Açores e Madeira)

Séde — LISBOA

Importação, Exportação e Representações

Agente de Navegação

FABRICANTE DE

AÇUCAR, ALCOOL E FARINHAS

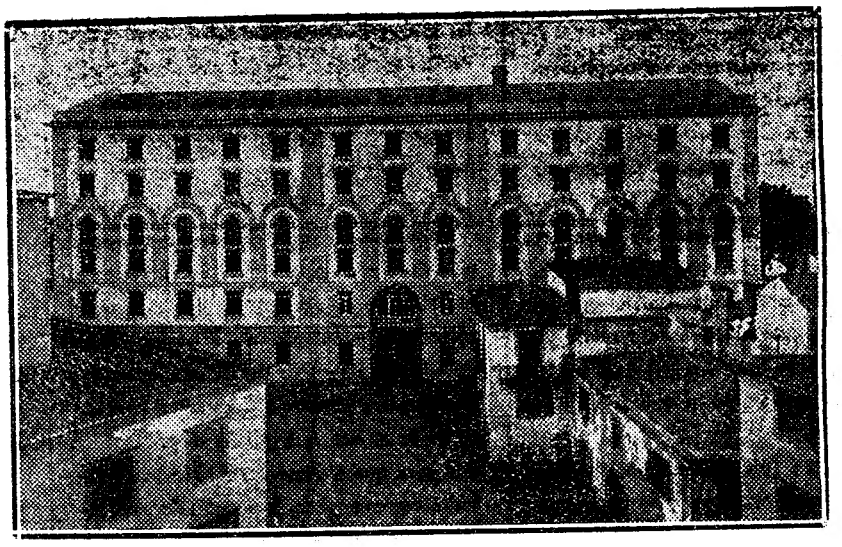
PROPRIETARIO DAS FABRICAS

SÃO FILIPE ao Largo do Pelourinho

Telefones n.os 293 e 683

LEALDADE á R. do Arcebispo D. Ayres

Telefone n.° 309



A PORTA D'AFRICA

O CABO GIRÃO

A MORTE, O ESPAÇO E O ATLANTICO

As impressões do nosso redactor Artur Portela

Aos meus camaradas do «Diario da Madeira»;

Atravessam-se vinhedos em chama, cobalto e oiro, patinados de luz, desfalecidos e frescos, como madrugadas a clarearem á beira dos caminhos.

Ha cêpas seculares que trabalharam as seivas de divino arôma, donde escorreu o vinho que Jesus bebeu nas bôdas de Canaan, e, mais tarde, rutilou nos calices sagrados, como sangue do Senhor á hora da elevação; andou na taça do rei de Tule, ouvindo o mar, buscando longinquas ilhas de ardentes e quimericas areias, e, em velhas legendas da idade antiga selou o pacto dos cavaleiros do Santo Graal, em demanda da Terra Santa.

Vai a estrada cheia de vinha morta, de hidraugas em flôr, de violetas nascidas neste outono, emergindo dos vales, correndo os abismos, subindo aos pincaros, atalhando ribeiras, tão perto do céu, que de noite, as luzes que nela correm, prolongam os brazeiros das estrelas, rutilas e doiradas, tropicais e enormes, como corólas de cactus, que desmanchassem as sepalas, e humidas, deslumbrantes, maravilhosas, deixassem caír bagas de oiro, oiro em pó, oiro em lagrimas, dos seus estames longos.

A estrada vae tão alta, deitada nas montanhas, que o mar pertinho e sósinho, calou o seu choro de criança. As azas são raras, crucificadas e distantes. O abismo abre-se a nossos pés, cava as sombras, diminue as casas, fá-las tão pequeninas, que elas lembram nos seus jardins de vinhedos a flôr hesitante e timida duma rosa, que morresse no mesmo instante em que nasceu, tendo apenas vivido um beijo de luz.

Nos currais profundos, alcantilados, ravinosos, é noite já; nas montanhas que sacodem em rajadas de calcario e de pinheirais o horisonte, é dia, ha sol, aguas cantam. Mas, lá em baixo, o homem aproveitou a terra, em pequeninos canteiros, que não medem talvez mais do que a roda duma rosa.

Paisagens de kakemono, pequeninas, azuladas, aguarelas de leque, fresquinhas e humidas das levadas, todas côr de rosa velho, varandas de verdura, presas á rocha, que vão subindo até nós, trepando, galgando sempre, repartindo-se, dividindo-se, como se fossem degraus de ermida, em Pascoa santa, cobertos de buxo e rosmaninho.

Por vezes, jactos de arvoredo irrompem nos fraguedos, numa sinfonia de côr, que nenhum pintor traduziu ainda, e que só o têm certos olhos de mulher ou de mareante, que fitam o mar a vida inteira.

O perfume crepita nos palmares, escorre, envernisa o ceu, fá-lo mais liquido, mais profundo e mais azul, torna rescendentes as pedras, luminosas as flores, sensualisa a terra, e dá ás aguas que correm, o sabor dôce e fundo, dum fruto maturado, embriagante, preverso e letal...

A entrada não se detem. Corta agora as montanhas que lhe rasgam as paredes, lança-se sobre os leitos, secos e pedregosos dos rios, rolados de pedras, e vai subindo, voando quasi, ao encontro das altitudes que a nevoa e a nuvem encantam e cerram misteriosamente.

Sempre o mar a seguir-nos. O mar liso e profundo, que se encosta á *Ilha dos Amores*, num roseiral de espumas, primavera argentea, reflorida por todas as vagas, por todas as ondas, por todas as gaivotas e alcyones.

O sol não tem distancia. Sangrento e lacerado, sobre a montanha de cume mais vivo, é como a cabeça de Cristo, no alto do Calvario, salpicada de sangue, desfalecida de agonia.

E, pelos currais, afagados agora de luz, as flores que nascem como no Paraiso, de corola azul celeste, petala brilhante como um rosicler, clangorando vermelhos, esbagoando estrelas, arroxeando sangue; assunção de lirios, de glicinias e de açucenas, luar de violetas, manhã de hidranjas, crepusculo de lilazes, rosas em chama como corações, cactus sagrados como os que nascem nas ruinas de Carthago, brancos adolescentes; toda a flora do Oriente, toda a flora da India, toda a flora dos tropicos, deslumbrante, viva, ardente, salpicada de tintas, fogueiras de todas as côres, labaredas, oiro em orgia, zoodiacos de pedrarias, côr do amaranto e da agatha, azues como ceu e como o mar translucido, arco-iris estilhaçados em rubis, em opalas, em esmeraldas, lagrimas de luz, facetas de diamantes, poalhas de astros a rutilar, onde ha todas as corolas, todos os gineceus, todas as petalas—estendem-se pelos vales, deliram a retina, crispam a pupila, embriagam, fascinam, hipnotisam, e são tão frescas, tão humidas de côr virgem, que as madrugadas devem nascer ali, inundar os espaços, já claras, já sangrentas, já oirescentes, e o sol surgindo naquele banho esplendido de luz, aromatico e divino, tal como nasce nas florestas sagradas do Pamir, entre brazas e gamas de arreboes, fundindo nos rios, o rio imenso, fulgurante, da sua carne.

* * *

A paisagem muda agora. E' grave, calada, profunda e ascetica, sombria e hostil, como os montes pensierosos da Umbria. Tudo rochedos, calcinados, vermelhos, patinados do mosto do fogo, que lhe corrompeu as entranhas em idades distantes.

O silencio é fundo; a sombra tem o azul do crepusculo. Têm-se precipicios aos pés e abismos sobre a cabeça. Está-se enterrado no granito. O granito sufoca. A vista escala o céu, dificilmente. A rocha cai a prumo sobre a estrada, rugosa, com estalactites, cavernas, furnas, hirsuta de cactus selvagens. Quero cortá-la, mas a estrada luta e segue. Penhascos ha, que a colera dos ventos levou até ao mar, e o mar imobilizou. A natureza não tem voz. Pelos leitos dos rios secos, calhaus rolados pelas aguas, enegrecidos pelo tempo, são como craneos abandonados. O calcareo descarnou a terra, chupou-lhe o humus, petrificou-lhe o mineral. Lavas congeladas e montanhas rasgadas dos cumes ás raizes, pelo fogo dos vulcões extintos.

Nem viva alma. Tragica desolação. Espaço azul, sombras que tropeçam nos cutelos dos rochedos, que se suicidam no vacuo, e rasgam as azas mais audaciosas. Tudo côr de bronze, fusco, sombrio, negro, por vezes dum vermelho extranho e sanguineo de mineral em fusão.

E a estrada caminha, fazendo circulos, curvas estranguladas, planos que tocam a fimbria do ceu, e dão a impressão de cairmos no espaço, quando os atingirmos.

* * *

Uma labareda formidavel de pedra, sacode o ceu. E' o Cabo Girão, a porta de Africa que se abre sobre o Atlantico sem fim. E' mais belo e mais forte que a ponta de Sagres, é mais alto e mais tragico que o Cabo das Tormentas. São seiscentos metros de rochedos hiantes, penhascos vorazes, uma garganta, um abismo, um inferno sobre o mar. Tudo a pique, rasgado, calcinado pelo fogo que lhe roe as entranhas e enrubesceu a superficie.

Encostamos o peito á rocha, e olhamos a medo. A pupila cai no vacuo, leva dois segundos a chegar ao mar. A vertigem domina-nos, esbrazeia-nos o cerebro. Sentimos a embriaguez do abismo, o espasmo do deliquio, o nosso corpo atraido pela lei da gravidade. Lá no fundo—é o Atlantico imovel, calado e grandioso.

Um Atlantico que morreu, de aguas pesadas, densas e sombrias, como as do Mar Morto.

As nuvens nascem abaixo de nós, desenrolam lentamente os seus fumos cinzentos, como vapores de sulfataras, e passam perdidamente, languidamente, ao alcance dos nossos dedos, que as desfazem.

A nuvem forma-se. A nuvem sobe, a nuvem cresce, separa o mar da terra, apaga o sol, ganha quinhentos metros dos rochedos do Girão, ondeia um instante, e alarga-se depois, pesada de agua e de ether, com gotas suspensas, e forra o monte, impelindo-nos para o espaço, como uma aza fascinada de ritmo.

Imersos no espaço, ante o abismo fechado de sombras, Dante, avulta debruçado sobre o inferno, ouvindo rugir e uivar a humanidade espectral dos reprobos e dos malditos, calcinados pelo fogo; ergue-se Adamastor, arrancando ás vagas os lenhos audaciosos, indo buscar ao mar a tempestade que lhe alteia o peito de terra dura; surge a sombra de Victor Hugo, em Guernesey, imortal como Homero, de cabeça alta e descoberta na tempestade, entre clarões de Santelmo, vendo formar a vaga — *mà destinée*; e, sobre todos eles, a figura misteriosa do Infante D. Henrique, chapeirão largo, pupila afiada, cortando a terra, cortando o céu, cortando o mar, cortando o infinito—adivinhando a Madeira!

Artur Portela

Reid, Castro & C.ª
BANQUEIROS
FUNCHAL MADEIRA

MAQUINAS DE ESCREVER
IDEAL
A mais completa, accessorios e reparações garantidas. Quintino Ltd.ª. Tel. N. 4225. ESCADINHAS DO DUQUE, N.º 3, 1.º (Proximo á estação).

DR. ARBUES MOREIRA
CLINICA MEDICA
DOENÇAS PULMONARES
CONSULTAS ÁS 4 HORAS
AVENIDA DA LIBERDADE, 77, 1.º

ARTIGOS E INFORMAÇÕES — A Cidade — CRONICAS E ENTREVISTAS

Chá das cinco

Azas que voltam

E' um tumulo duma inglesa romantica, morta de amor, que atravessou o Atlantico, entre azas de saudades e azas de andorinha, que a seguiram no rasto do vapor até áquela ilha longinqua e misteriosa que lhe encheu o regaço de rosas, rosas que abriram a sua carne, fresca e intacta, sob a chuva lenta e esquecida de lagrimas, de seus olhos abandonados.

E' um tumulo florido eternamente, florido como um berço de infante morto, como o altar de Nossa Senhora, numa pascoela santa.

Despem-se as arvores. No corpo moribundo das açucenas, outras açucenas nascem; vibra o luar nos recessos da montanha; vem o inverno, e o Oceano em vaikirias de colera, esmaga os rochedos; apagam-se as luzes nos casais, tremeluzem as estrelas ao halito da nevoa — só aquele tumulo branco, estreito e pequenino, como os dezaseis anos de oiro e de sorriso de miss Eten, não morre, aquecido por todas as rosas do amor, que atravessou o mar, que vai até ao fim do mundo, a rezar como D. Inez, nas ogivas de Alcobaça.

Miss *Eten*! Miss *Eten, não te canses de amar, enterrada entre areias de oiro, sob as lagrimas perfumadas das açucenas!*

Ha azas que voltam. Não as tens tu no tumulo onde a Primavera é eterna e dôce? Não as sentes presas a distancia, tentando voar, fitando de longe o caminho das saudades, que é, ainda, o caminho dos teus olhos?

Espera-as, meu amor! Abre-lhes o teu regaço, estende-lhes as mãos, espera e reza, que elas, friorentas, timidas e apaixonadas, irão beijar-te, não tarda, quando a neve cobrir os caminhos e as rosas adormecerem, desfalecidas, a sonhar...

Artur Portela

Grandes desafios em Olhão

Na pitoresca vila de Olhão realisam-se no proximo domingo e segunda-feira quatro sensacionais desafios de «foot-ball», que, dada a circunstancia unica dos grupos que se vão bater, deverá chamar ao «Stadium» Padinha uma verdadeira avalanche de povo de Olhão, Faro e Vila Real de Santo Antonio.

No domingo jogam os primeiros «teams» do Vitoria Foot-Ball Club, de Setubal, contra o Sporting Club Olhanense, seguindo-se-lhe o União Comercio e Industria, tambem de Setubal, contra o Ginasio Club de Olhão.

Na segunda-feira, defrontam-se o Ginasio Club de Olhão com o Vitoria Foot-Ball Club, seguindo-se o Sporting Club Olhanense com o União Comercio e Industria.

Mocidade Republicana

O antigo Centro Republicano Academico, vai, por iniciativa do seu presidente o sr. Ferro Alves, passar a denominar-se Centro da Mocidade Liberal, abrangendo filiações de todos os individuos de menos de 35 anos de idade. No proximo dia 13 realiza-se na Associação do Registo Civil, ás 21 horas, uma reunião de todos os elementos que concordarem com aquela iniciativa.

CAMBIOS

Dia 11

	Comprador	Vendedor
£/Londres, cheque	2 17/128	2 1/8
» 90 dias	=	=
£/Paris	1$490	1$500
£/Berlim	=	=
£/Holanda	9$720	9$755
£/Madrid	3$355	3$365
£/Bruxelas	1$270	1$275
£/Roma	1$125	1$130
£/Suiça	4$420	4$445
£/Suecia	=	=
£/Noruega	=	=
£/Dinamarca	=	=
$ Nova-York	24$700	24$800
$ Brasil	=	=
Rio $ Londres	=	=
Libra esterlina	=	=
Ágio do ouro	=	=

Entrevista macabra

12.000 PESSOAS

são enterradas por ano nos cemiterios de Lisboa

O sr. dr. Alfredo Guisado, vereador do pelouro dos cemiterios, que com muita inteligencia e proficiencia se tem desempenhado do cargo que lhe foi confiado fala sempre com clareza e sem rodeios, o que actualmente não é muito vulgar.

Fomos hoje ouvi-lo sobre o estado em que se encontram os cemiterios de Lisboa:

—Não espere ouvir coisas bonitas — disse-nos logo de principio.

—Quantos cemiterios ha em Lisboa?

—Seis. Alto de S. João, Prazeres, Ajuda, Bemfica, Lumiar e Olivais.

—Em todos eles ha falta de ossarias e jazigos municipais?

—No Alto de S. João encontram-se centenas de caixões com corpos e ossadas, sem sepulturas...

—Guardados?

—Guardados num barracão de madeira e nas dependencias da capela.

—No forno crematorio tambem ha ossadas?

—Quarenta e cinco caixas com as ossadas dos que morreram na revolução de 14 de Maio.

—Porque não foram ainda removidas?

—Por um pedido feito pela comissão encarregada de lhe levantar um monumento. E' uma questão provisoria...

—Provisoria...

—Sim, provisoria. A comissão espera muito em breve comprar terreno para levantar esse monumento...

—Quando funciona o forno crematorio?

—Muito brevemente...

—Está já concluido?

—Falta-lhe apenas os aparelhos crematorios, que devem custar 210 contos.

—Os aparelhos funcionam acionados pela electricidade?

—Ou pela electricidade ou pelo carvão de coque.

—Quais são os cemiterios que estão vedados?

—Apenas os dos Olivais e Prazeres.

—Os outros são terra de ladrões sacrilegos...

—Assim é. Nem um tapume ha para os vedar...

—No cemiterio dos Prazeres é permtido fazer enterramentos?

—Só podem ser inhumados os cadaveres que se destinam a jazigos particulares.

—Só as varinas é que teem o previlegio de ir para os Prazeres?

—Qualquer pessoa póde ir para esse cemiterio, desde que vá em caixão de chumbo e pague á Camara 75$00 por ano.

—E deixando de pagar?

—O corpo passa, provisoriamente, para uma cova.

—Onde fica se não se efectuar o pagamento do jazigo...

—Não, senhor. Dali passa depois para a vala comum.

—Se alguma pessoa satisfizer o aluguer do jazigo...

—Volta para o primitivo logar.

—Mas...

—Ou vai para o jazigo Municipal ou para a vala comum. Na cova é que não fica.

—Os cemiterios são pequenos?

—Pequenissimos.

—Devido á...

—...Construção de jazigos particulares.

—No caso duma epedemia?

—Não me fale nisso. Não ha mais terreno para abrir sepulturas...

—O cemiterio do Lumiar vai ser fechado?

—Vai.

—Porquê?

—Porque está numa baixa, rodeada de casas. Um corpo leva nesse cemiterio 8 anos a consumir-se em virtude da humidade da terra.

—O dos Olivais não póde sêr alargado?

—Não! Passa-lhe perto o cano de Alviela.

—São sepultadas por ano...

—Doze mil pessoas.

—Mas a Camara não aprovou um emprestimos destinado aos cemiterios?

—Aprovou. Esse emprestimo é de 1.340 contos.

—Qual é a sua opinião sobre os melhoramentos a fazer?

—Apresentar uma proposta para a compra de um grande terreno que obedeça ás condições impostas pela direcção Geral de Higiene, onde se possam sepultar por ano 20.000 cadaveres.

—Os actuais cemiterios são aproveitados?

—Apenas para jazigos.

—E no novo cemiterio...

—Não é permitido construir jazigos.

Desconto

de cheques falsos

Ha cêrca de um mês, apresentou-se na Caixa Geral dos Depositos, um individuo, a descontar dois cheques, sendo um de trezentos contos e outro de duzentos. Como esses cheques apenas levavam a assinatura do sr. dr. Jacinto Simões, administrador do Porto de Lisboa, um dos funcionarios encarregados de efectuar os pagamentos, respondeu ao portador que não o podia cobrar, por lhe faltar o selo em branco. Pouco depois, voltou o mesmo individuo com os referidos cheques contendo o selo em branco da secretaria do Porto de Lisboa.

Agora verificou-se que a assinatura era viciada e que o selo em branco não era do Conselho Administrativo do Porto de Lisboa, mas sim o da secretaria.

A policia, a quem o caso foi entregue, verificou que os numeros dos cheques em questão não correspondem á continuação da numeração do livro existente no Porto de Lisboa, pelo que se presume que o autor da burla tivesse conseguido um novo livro de cheques,

A policia tem uma pista importante.

DE VIAGEM

Regressou de Santarem o deputado sr. dr. Ginestal Machado.

Incendio

numa carvoaria

Hoje, pela 1 e meia da tarde, manifestou-se um violento incendio na carvoaria de Belmiro Salgado & Irmãos, Rua General Taborda 17, 17-A.

A falta de pressão de agua nas bocas de incendio pôz em risco toda a propriedade, onde está instalada uma drogaria de João Rodrigues Correia. Foram retiradas dali algumas latas de gazolina e uma porção de carboreto.

Estabelecido o ataque, foi o fogo localisado na carvoaria, aplicando os bombeiros 5 agulhetas a diversos andares

A origem do fogo foi um fosforo que deixou cahir no deposito da carqueja, ao procurar um coelho, o empregado de 13 anos João Ferreira.

Dirigiram o serviço dos bombeiros o comandante Francisco Carlos Parente, o ajudante Ribeiro e o chefe Damião Marcelino.

A carvoaria estava segura em 8 contos de reis.

Forças de cavalaria e da policia conservaram o povo a distancia.

DIPLOMATAS

Partiu hoje no *Sud-express* o sr. ministro do Uruguay.

Pelos teatros

Macedo e Brito

A' hora a que escrevemos estas linhas chove torrencialmente. Pois a chuvada, mesmo que se mantenha pela noite dentro, não impedirá que o Nacional tenha hoje outra enchente. Em primeiro lugar, porque se realisa a festa de homenagem a Macedo e Brito que, tão inte-

Macedo e Brito

ligentemente, soube dirigir os destinos daquele teatro durante o verão, rapaz activo e trabalhador. Em segundo lugar, porque termina essa epoca, a todos os titulos de uma rara felicidade, fechando com chave de ouro as representações da engraçadissima comedia «O Cabeço de Tureo», que tantas noites de aplausos conquistou.

Nascimento Fernandes

Nascimento Fernandes, recentemente chegado do Brasil, querendo corresponder á honra do convite que lhe foi feito pelo mestre Eduardo Schwalbach para colaborar na sua peça «O Chico dos Pêgas», acedeu, com prejuizo da sua saude, a aceitar a proposta que lhe apresentou a empreza do Eden, Campos & Correia, entrando, portanto, em dez recitas da mesma peça, cuja «reprise» se fará depois de amanhã naquele teatro, com uma magnifica companhia em que figuram Henrique Alves, Maria de Lourdes Cabral, Eliza Santos e Justina de Magalhães. Contratado pelos artistas Satanela-Amarante, o mesmo artista reaparece, no dia 26, no Avenida.

Atrás do reposteiro

No elenco da companhia Aura Abranches figuram de novo as actrizes Celeste Leitão e Rosina Rego, e os actores Eduardo Matos e Santos Junior.

—Continua marcada para ámanhã a inauguração, no Apolo, da época de inverno, pela companhia Otelo de Carvalho, com a «reprise» da revista, de Eduardo Schwalbach, «O Pé de Meia», actualisada e remodelada.

—Sabemos que a gentil actriz Ester Leão, posto que houvesse entrado em negociações para se conservar na companhia Rey-Colaço-Robles Monteiro, não assinára contracto com estes artistas, nem antes nem depois de haver requerido para societaria do teatro Nacional.

—Reaparece hoje, no São Luís, a opereta «A Ultima Valsa», cuja protagonista é desempenhada pela actriz Aldina de Sousa. No sabado representar-se-ha «A Leiteira de Entre Arroios», na proxima semana «Sonho de Valsa» e, muito brevemente, em «première», a opereta «Frasquita», de Franz Lehar.

—Intitula-se «Sardinha boa...» a comedia original, em três actos, que Mario Duarte está escrevendo.

—A revista «De Teatro», no intuito de valorisar a sua critica, de a tornar mais sensata e valiosa, entregou a da parte literaria das peças ao escritor Orsini de Miranda que começará a sua missão no numero 14, passando Mario Duarte a assinar a parte relativa ao desempenho e interpretação.

—O distinto actor Teodoro Santos, artista que trabalhou ao lado de João e de Augusto Rosa, foi contratado, em representações, para a companhia Amelia Rey Colaço-Robles Monteiro.

CARTAZ

TEATROS

S. Carlos = A's 21 — «Casa em ordem».
Nacional = Ás 21,30 = «O Cabeça de Turco».
S. Luis = A's 21 — «A prima inglesa».
Politeama = A's 20. — Animatografo.
Avenida = A's 21 = «A Severa».
Apolo = Não ha espectaculo.
Maria Vitoria = Ás 20,30 e 22,30 = «Fado corrido».
Eden = Não ha espectaculo.
Eldorado = Ás 21 = Variedades.
Circo da Feira = Ás 21 = Variedades.
Coliseu dos Recreios = Não ha espectaculo.
Gil Vicente = Ás 21,15 = «O domador de feras».
Chiado-Terrasse = A's 21 — Variedades.

ANIMATOGRAFOS

Salão Foz = Calçada da Gloria.
Olimpia = Rua dos Condes = «Matinée» e «soirée»
Cinema Condes = Avenida da Liberdade.
Salão Central = Praça do Restauradores.
Salão Ideal = Rua do Loreto.
Cine-Paris = Rua Ferreira Borges.
Salão da Promotora = Largo do Calvario.
Eden-Cinema = Rua do Alvito.
Salão Rocio = Rua do Arco do Bandeira.

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

MISERIA

A odisséa DAS estafetas para ganharem 15 tostões

O leitor sabe qual é o trabalho dum estafeta? Sabe, com certesa. Mas talvez não saiba como ele é pago—como é recompensada a sua fatigante tarefa.

Procurou-nos nesta redacção uma mulher que se entrega a esse serviço em Pombal. Chama-se Maria da Conceição. Eis o que nos disse:

—O que vou dizer-lhe constitue o pranto duma infeliz que moureja de noite e dia para ganhar uns miseraveis tostões. Sou estafeta do correio de Pombal, ha 20 anos.

No tempo em que a vida era barata ganhava eu oito vintens. Depois, passei a ganhar doze. Isto era no tempo em que o bacalhau custava 320, a batata um pataco, e assim sucessivamente...

—Hoje que a vida está pela hora da morte...

—Ganho 1$50 e é por muito favor. E quere ver qual é o meu serviço? Levanto-me á uma hora da noite, para levar as malas á estação do Caminho de Ferro. Até ás 4 horas já não me deito, porque é a hora habitual em que chega aqui o ultimo comboio correio. Vou, carregada, ao correio, muitas noites 3 e 4 vezes. De dia tenho tambem 2 comboios, um ás 11 e outro ás 3,45.

De verão, emfim, passa-se... Mas de inverno! Debaixo de chuva, ao vento e ao frio, ali estou a um canto da estação, tiritando, para ganhar os miseros quinze tostões.

Pois, ao mesmo tempo, ha aqui 3 guardas-fios que ganham 8 mil reis por dia, fora as subvenções. E ainda podem tirar mais uns 8 mil reis por fóra. E dizem que a vida está cara e o ordenado não chega.

—Qual é o serviço deles?

—E' irem 2 vezes na semana rondar o cantão. Serviço para duas ou três horas... Para eles e para outros iguais ha dinheiro. Para mim e para outros, ha umas migalhas, ainda com multas, ordenados em atrazo 2 meses e mais, e, quando pômos o correio em praça, está-se 3 e 4 meses á espera que resolvam o assunto...

O cancro em Portugal

O sr. dr. Sabino Coelho terminou a sua costumada distribuição anual de «impressos destinados unicamente aos pobres», contendo instruções relativas á luta contra o cancro, e cujo fim principal é ensina-los a conhecerem as primeiras manifestações desta doença que os devem levar a consultar imediatamente os medicos para não correrem mais tarde o risco de não terem cura em consequencia do rapido progresso do mal.

As folhas agora distribuidas constituem a continuação da propaganda anti cancerosa que o sr. dr. Sabino Coelho vem fazendo há muitos anos, desinteressadamente, não auferindo nenhum lucro deste e dos outros trabalhos de vulgarização popular, assim como não tira nenhuns proventos da actividade scientifica que tem mantido inalteravel depois de deixar de exercer clinica, e da qual são provas, por exemplo, as suas conferencias e os seus artigos publicados na imprensa medica.

MALHEIRO DIAS

Partiu esta manhã para o Norte o brilhante escritor sr. Carlos Malheiro Dias.

IMPRENSA

Desligou-se da empreza da *Ideia Nova* o sr. Carlos Alberto Silva que naquele jornal exercia os cargos de secretario da redacção e editor.

A SAIR BREVEMENTE:
TUDO AMOR
CRONICAS E NOVELAS
POR
ARTUR PORTELA

A SITUAÇÃO POLITICA

O governo observado por um deputado democratico

Os nacionalistas vão hoje a Belem

O sr. dr. Carlos Pereira, que é deputado da maioria, e de si mesmo para dizer claramente o que pensa, era sinalado pela pupila do jornalista, ás 13,30, conversando com dois amigos, num portal da rua do Ouro.

Perfilámos-lhe uma série de preguntas:

Cai o governo?

Os democraticos apoiam o sr. Antonio Maria da Silva?

Côr, pessoas e planos dum novo ministerio?

A' primeira interrogação, o sr. Carlos Pereira, respondeu dest'arte:

—Se cai, se não, não sei. O que tem feito o sr. Antonio Maria da Silva? Manter-se de pé—respondem-me.

—E concorda?

—Concordo!

—E' verdade que o directorio democratico alvitrou ao governo a demissão?

—Nos jornais veiu a verdade.—Encolhendo os ombros, que é um modo subtil de alijar responsabilidades—creio que sim.

—Mas quererá o governo demitir-se...

—Tinha hoje uma optima oportunidade para o fazer...

—Como...

—Dizendo á maioria que não fosse ao Parlamento...

—Resultado?

—O sr. presidente da Republica tinha a indicação parlamentar que lhe falta... Foi por não a ter, que não deu a demissão ao sr. Antonio Maria da Silva, quando ele lh'a pediu...

—Novo ministerio...

—Com o Antonio Maria da Silva, na presidencia, e três independentes nas pastas secundarias...

—Mas então a indicação que o directorio democratico deu aochefe do governo para se demitir, pretende atingir determinados ministros e não ele?

—Assim é.

—E quem substituirá o sr. Velhinho Correia...

—Naturalmente, o Antonio da Fonseca...

—Aceitará a pasta?

—E' de supôr.

—E as actuais propostas de finanças...

—Remodeladas.

—Os outros membros do governo...

—O da Marinha, se cair, cai em pessima altura. Está tratando de adquirir pequenos navios que vigiem a nossa costa e persigam os barcos espanhois...

—Uma reclamação diplomatica seria o bastante...

—Não me parece. Actualmente estão pescando nas nossas aguas duzentos buques espanhois. A'manhã teremos seiscentos, creia.

Sacudimos a conversa:

—Os parlamentares democraticos apoiam o governo...

—Como lhes compete. Mas é bom não insistir. Dum dia para o outro os proprios correligionarios podem desleixar esse apoio. Logo...

—Logo...

—Temos uma reunião... A's 9 horas da noite.

—Será a sentença de morte do governo...

* * *

Fomos encontrar o sr. dr. Pedro Pita, deputado nacionalista, numa banca alta, no seu escritorio, escrevendo, preocupadamente.

Categoricamente, afirma-nos:

—Não... lhe... posso... dizer... nada.

Elogiamos-lhe a indumentaria:

—Que lindo frack...

—E' para ir ás cinco horas a Belem...

—E a primeira entrevista politica entre o directorio do partido nacionalista e o sr. Teixeira Gomes?

—E'.

—O dr. Alvaro de Castro?

—Não pode ir. Tem a esposa doente. Tenho um telegrama dele.

—O sr. Barros Queiroz...

—Não pertence ao Directorio.

—Os outros...

—Eu, Leio Portela, Vasconcelos e Sá, Ginestal Machado...

—Que não está em Lisboa...

—Mas deve regressar ainda hoje.

—Deve ser interessante essa conferencia, entre aqueles que votaram em branco, na eleição do chefe do Estado, e o sr. Teixeira Gomes.

—Se quizesse respondia-lhe...

—Tambem eu.

* * *

A conferencia que o partido nacionalista vai ter com o sr. presidente da Republica, é importantissima.

O directorio do P. R. N. vai marcar os seus pontos de vista. Alguns deles: necessidade de uma revisão severa nas propostas do sr. ministro das finanças, sem imposições da maioria; queda do ministerio, e formação de outro de que os democraticos não participem.

Ao que parece o partido nacionalista não se importa de colobrar num ministerio em que estejam representadas as minorias parlamentares.

O atentado da Boa-Hora

Ainda se encontra doente, em resultado de ter sido ferido a tiro pelo bombista Domingos da Silva, quando o perseguia por ocasião do atentado contra os juizes do Tribunal de Defeza Social, o guarda n.º 1870, João Alves. Não seria justo recompensar de qualquer fórma o referido guarda que assim expôz a vida, em defeza da sociedade?

Parque das Necessidades

Realisa-se no proximo domingo, pelas 15 horas, no Parque das Necessidades, um interessante sarau desportivo em favor do cofre escolar do Gremio Escolar Republicano de Alcantara, com o concurso e sob a direcção do Lisboa Ginasio Club.

Vigaristas em acção

Manuel dos Santos, chegado ha dias do Brasil e hospedado no hotel Lisboa, queixou-se á policia de que, tendo ido levantar á casa bancaria Sotto Mayor uma porção de dinheiro, perto daquele estabelecimento, foi abordado por um desconhecido que, pelo processo do «conto do vigario» lhe apanhou a quantia de 22 contos de réis.

Esmola

Comemorando o 30.º dia do falecimento de seu pai, o sr. João Antonio de Brito, a sr. D. Eugenia de Brito enviou ao «Diario de Lisboa» 80$00, a fim de serem distribuidos por 32 pobres, á razão de 2$50. Em seu nome agradecemos

TEATRO

A estreia DA companhia Lucilia Simões em S. Carlos

Com uma casa verdadeiramente á cunha, realizou-se ontem, em S. Carlos, pela companhia Lucilia Simões-Erico Braga, a reabertura da temporada de inverno, tendo subido á scena essa extraordinaria peça de Pinero, *A Casa em Ordem*, desempenho mais que extraordinario de Lucilia—peça onde ela põe, com toda a sua alma e com todo o seu talento, a sua grande vida a sangrar.

A companhia, que está devidamente organizada, não lhe faltando nenhum dos elementos que uma boa companhia de teatro deve ter, desempenhou *A Casa em Ordem* com um equilibrio pouco vulgar entre nós, salientando-se, ao lado de Lucilia, Antonio Pinheiro, Amelia Pereira e Erico Braga. Já em tempos, o nosso critico teatral, Artur Portela, com todo o seu engenho e sensibilidade se referiu em termos entusiasticos á *premiere* desta peça dizendo entre outras coisas o seguinte:

—«Fui daqueles que de pé, no final do terceiro acto, aplaudiram intensamente, vibrantemente, Lucilia. O que eu admiro nela é a inteligencia absoluta que a guia, a dirige em todas as peças».

Lucilia Simões, depois de ter dado discretamente uma justa pormenorisação de mascara e gestos á curiosa figura, depois de a ter traçado, de a ter vivido,—aguarda a scena final do terceiro acto, esmigalha todos os recursos de artista, fica carne, odio em sangue, despedaça o corpo, é humana, palpitante, pura, selvagem, e adquirindo na alma a sua força, esgotando o coração, instante quebrado, o envolucro material da carne, para ficar limpida, cheia de sentimentos—atinge o paroxismo maximo, talvez unico da dôr.

Duas palavras: *a maior de todas*.

Assim se referiu o nosso critico ao desempenho de Lucilia Simões, tendo tambem palavras de muito elogio para os restantes interpretes e para a peça—qte a escassês de espaço não nos permite transcrever.

Emfim, são noites de grande arte as que nos proporciona a companhia de S. Carlos, teatro absolutamente comodo e o mais barato de Lisboa.

Ao espectaculo de ontem assistiu o sr. Presidente da Republica, que se fazia acompanhar dos seus secretarios, e do ministro da Instrução, sr. dr. João de Camoesas.

Tremor de terra nos Açores?

O nosso colega *O Mundo*, publicou hoje um telegrama, noticiando ter-se registado nos observatorios ingleses um abalo de terra provavelmente nos Açores ou na Italia.

Procurando informações no Observatorio D. Luiz, averiguámos que, efectivamente, o sismografo registou ontem, pelas 7 horas e 17 minutos, um abalo a 3.600 quilometros, tendo findado a propagação ás 8,40.

Ignora-se ainda onde foi o tremor de terra.

DE LUTO

Alfredo Marcolino de Almeida

Após longos dias de sofrimento, faleceu hoje o sr. Alfredo Marcolino de Almeida, um dos mais antigos e estimados empregados superiores da Alfandega de Lisboa, onde contava inumeras simpatias.

O extinto, que exercia proficientemente os cargos de inspector e escrivão do Tribunal do Contencioso Fiscal, era pae dos nossos amigos Raul e Alberto Morgado de Almeida, a quem apresentamos as nossas condolencias pelo rude golpe que acabam de sofrer.

O PROGRESSO INDUSTRIAL

Uma cidade de ferro
na Ilha da Madeira

O que nós vimos na importante fabrica Hinton & Sons

A fabrica Hinton, é uma cidade de ferro, que o vapor anima, sacode, faz resfolgar e crepitar, movimentando os pequenos aços, insinuando-se nas caldeiras, agitando as turbinas e correndo livremente nas baterias.

Quem entra lá, endoidece. São três pavimentos, separados e sustentados por fortes e robustos vigamentos de ferro, onde ha caldeiras monstros, com peso de toneladas, suspensas por milagre nas alturas.

O espirito foge; a vida mecanica, ganha-nos. A maquina domina, impera, economisando o esforço do homem, que atento a vigia e a alimenta, mãos nos manipulos, pupila fita nos reguladores e nos quadros, que cronometrisam o tempo.

Em cima, a cincoenta metros de altura, a cupula da fabrica, toda envidraçada, está enredada de cabos, de fortes fios de aço, por onde correm vertiginosamente, transportadores electricos.

Uma fermentação de movimento, lucinante, febril, louco, endemoninhado, ferve em todos os locais.

Há mil maquinas, caldeiras rotundas, como as dos grandes paquetes, bombas aspirantes que resfolegam, baterias centrifugas que se estendem paralelamente.

Assiste-se á vinda da cana do assucar em feixes, lançada pelos condutores electricos da cupula, dividida, repartida, conduzida depois por vagonetes que a vão despejar ao pé dos laminadores.

Depois são as metamorfoses. A luta entre o homem que criou a maquina e o vegetal que guarda misteriosamente a seiva perfumada, doce e preciosa.

Ha tanques de melaço, ha turbinas, ha caldeiras de vacuo, ha dinamos potentes de electricidade, tudo em grande, como se a formidavel cidade, New York, de ferro e aço, em plena laboração, sob unica vontade, devorasse, mastigasse, digerisse, numa digestão fantastica e brutal, toda a cana de assucar que a terra produz.

E não se cança. Não há uma paragem. Dia e noite a fabrica do Torreão, iluminada potentemente por focos electricos, com mil operarios lá dentro, e mil toneladas de canas de assucar para transformar, trabalha, trabalha sempre.

A atmosfera, vibrada pelas velocidades, pelos atmos do movimento, volatilisa a vida. O cheiro do melaço, forte e grosso, como um vinho antigo, introduz-se nas narinas, teimosamente.

Por aqui e ali, o vapor, branco como neve ou como espuma, salta das juntas de ferro.

Labaredas chispam dos fornos acesos, em fogo, em brasa, inferno de luz e oiro, que cresta os braços musculosos dos fogueiros.

A fabrica tem tudo. Basta-se a si propria. Todos os anos, maquinismos modernos, a ultima palavra da metalurgia, vêm substituir os antigos.

Sobe-se ao segundo pavimento por uma escada de ferro, que, torcidamente como uma vide, se encosta ao bojo duma caldeira.

Lá em cima, a mesma alucinação e o

Henry Hinton

mesmo movimento, são outras caldeiras, outros tubos, todos com voz, uma voz apressada, resfolgante, que nos ensurdece e domina.

Em baixo, os cabos cruzados, são uma teia monstruosa. Ha tantos tubos, torcidos inteligententemente; as turbinas cortinuas dão-nos a impressão que nada daquilo se entende, trabalha em unisono. Engano. Aquela floresta densissima de ferro e aço, obedece ao movimento inicial. Trabalha com uma precisão admiravel, aproveitando o tempo, ilimitando o bagaço, aproveitando as seivas.

Emquanto os residios do vegetal vão por um lado, o assucar em calda segue outro, deixando aqui as impurezas, condensando-se além, precipitando-se em grandes toneis, que têm a altura de dois andares.

No meio desta floresta perpetuamente agitada, como que batida pelo fogo do vulcão, o homem infinitamente pequeno, dirige, rectifica.

Aquilo esmaga. São precisos musculos fortes para não irmos arrastados naquele turbilhão e naquele estrepito. E o ruido, ruido de forja, tremor de terra, o estampido das caldeiras que se fecham como granadas que deflagram, o gorgulejar de agua quente, a fermentação dos vapores, as mil e uma pancadas do ferro sobre o ferro, são notas de grandeza que resoam a todo o instante, que nascem e morrem em ondas mais fortes de som, rasgando-nos os timpanos, pondo-nos em sangue o cerebro estoirado de tanto fragor.

As ordens no meio daquele estrepito, são lançadas como no mar alto. Uiva-se, grita-se, para se ouvir uma palavra, que, muito baixinho, morre nos nossos ouvidos.

A cana do assucar, torcida, esmigalhada, cortada, prensada, laminada, descolorida, depois amorfa, pastosa logo, liquida por fim, enche com o seu sangue todas aquelas veias escaldantes de ferro, que o calor enrubesce.

Mas ha ainda mais. Sobe-se terceiro pavimento. Estamos nas alturas. Lá em baixo, os homens são larvas.

Ficeram as grandes maquinas, mas ha ainda outras, acavaladas, seguras como rochedos ás vigas, mas que, no entanto, parecem fazer rolar das profundezas da fabrica, como montanhas que se quebrassem pela base.

Agora é o inferno, a loucura, o delirio-tremens da maquinaria. A electricidade faz dia, faz sol canicular. Ouvem-se os musculos dos embulos percutirem as caldeiras, e respirações siflantes nas torneiras. Tudo confuso. Linhas partidas.

Os dois andares, em baixo, já não se distinguem, apezar da luz. As vigas são tantas, os cabos multiplicam-se de tal forma, giram as correias sem fim, correntes que descem das roldanas, que aquilo lembra as ramagens duma floresta colossal, tão densa, tão hermeticamente fechada, que os troncos se perdessem.

Seguimos pela cidade suspensa, por estreitos corredores, que lembram varandins.

Os tanques do melaço que começam no primeiro pavimento da fabrica, abrem a sua boca desmedida, junto da cupula. O liquido amarelado, espesso, em ponto, fermenta, está quente. Aqui, neste maquinismo, o assucar cristalisa, brilhante, palido como um diamante, cortado de prismas. Esses cristais depois são partidos em pequenos cristais — o chamado assucar pilé.

Seguimos. A visão dantesca, brutal, fica. A fabrica Hinton, vista assim, de noite, parece uma forja de Vulcano, onde Vulcano forjasse os seus raios de fogo. Ha relampagos e ha trovões. O fogo que brota e o movimento que ruge.

Abrem-se-nos os armazens. Do chão elevam-se montanhas de assucar. Pisa-se assucar. No meio delas homens com os pés enrodilhados, higienicamente, em linho, cavam aquelas montanhas, revolvem-nas, atiram pazadas de assucar, que, a luz atravessando, enche de scintilações. No ar, ondeiam cristais.

* * *

Dali passamos aos laboratorios. E' um scenario zolaesco. Retortas, pipetas, vasos comunicantes, tubos, almofarises, acidos córantes, emfim, um gabinete dum alquimista medieval, quando se estuda a vida da sacarose, e onde estão guardadas as analises.

Não pára aqui a nossa admiração. Chegamos á janela da fabrica, que fica junto duma ribeira. Sôbre ela, fios tensos de aço seguram transportadores electricos, que de dia drenam para a fabrica a cana de assucar de todas as plantações da ilha.

Cada um desses transportadores é dirigido por um homem que lhe pode imprimir quatro movimentos.

A fabrica tem ainda uma moderna oficina de serralharia, onde são reparados todos os maquinismos; grandes depositos para carvão e ainda pequenas oficinas subsidiarias.

= POLITEAMA =
Emp. Luis Pereira Telef. 3026 N.
Grandioso espectaculo cinematografico
Hoje ás 20,30
A Lucta contra o Destino
por William Duncan e Edith Johnson.
Estreia — 6.º episodio, «Um verdadeiro tesouro», 2 partes.
Estreia — 7.º episodio, «A arca de Aladim, 2 partes.
Esta fita não se repete.
Na «matinée» têm entrada as creanças, quando acompanhadas das familias.

NACIONAL Telef. N. 3049
HOJE — FIM DA TEMPORADA
Receita dedicada ao empresario teatral
Macedo e Brito
Ultima representação irrevogavel da graciosissima peça
O CABEÇA DE TURCO
com JOAQUIM COSTA e ALEGRIM
O MAIOR EXITO DESTE VERÃO

UMA HOMENAGEM

Um amigo

DO

Diario de Lisbôa

NO FUNCHAL

O primeiro abraço que recebemos da Madeira, alegre, sincero, fresco, camarada, foi de Gomes de Souza, que já andou comigo, na carlinga dum *Bleguet*, pairando sobre Lisboa.

Gomes de Souza, redactor do nosso jornal, na Madeira, nasceu jornalista como nós podiamos ter nascido.

E' um *placard* de noticias, retine in-

GOMES DE SOUSA

formações, é um telefone de acontecimentos, em chamada permanente. Quiz lêr o *Diario de Lisboa* todos os dias e levou-o para a sua casa...

Tem no activo três jornais modernos, que ele fecundou de impressões, de movimentos, de titulos, de entrevistas apanhadas nos *stemears*, á pressa.

Dirigiu o *Correio da Madeira*, mais tarde fundou a *Terra*, irmão do *Diario de Lisboa*, o mesmo fisico e a mesma alma, e como já não havia mais terra a conquistar para fazer jornais, lançou-se no Atlantico, e a bordo do *Traz-os-Montes*, conquistou o mar, redigindo o *Oceano* na gaiola da telegrafia sem fios.

O seu maior elogio está no seu nome, rapido e incisivo, leve e «coaktil; Gomes de Sousa, por autonomasia, o *despertador*.

Não se esqueçam

de que em todo o Paiz só os fabricantes

Donas, da Covilhã

vendem, directamente ao publico, todas as qualidades de fazendas de lã para

FATOS e VESTIDOS

em todos os padrões e côres por preços baratissimos ao alcance de todas as bolsas.

Depositos de vendas a retalho

EM LISBOA

Rua dos Fanqueiros, 187, 2.°

NO PORTO

Rua de Fernandes Thomaz, 392-A

"SANTINITINE"

O MELHOR DE TODOS OS LICORES

DEPOSITO GERAL

70, 2.°— RUA AUGUSTA —70, 2.°

TELEF. C. 1196

STORES DE MADEIRA

RUA DO SECULO, 140

ARTE LOCAL

OS BORDADOS DA MADEIRA

Como eles se fazem

nos campos e nos "ateliers"

Toda a Madeira borda, é um imenso bordado que começa na espuma do mar, clareia nas mãos das camponezas, brota nas rosas dos valados, veste de neve, os pincaros altivos e desmedidos. Borda-se no campo, sob o nimbo das arvores; no mar, quando as latinas-mortas de vento, o esperam para singrar; borda-se nos salões, entre um romance inglês e uma frase delicada, borda-se nas cadeias, sob as abobadas tumulares...

Pelas estradas, seja ao cair do crepusculo da tarde, rapido e lancinante, seja de madrugada, vermelha, como uma eucaristia sagrada, as bordadeiras sucedem-se; aninham-se na relva, ás três e ás quatro, regaço cheio de pombas brancas de azas presas—o linho que vai florir, levemente azulado, em pequeninos lenços, em toalhados que a renda torna transparentes, finos, subtis e alados, em veus nupciais, em mantos de comungantes.

As mulheres inclinam a cabeça, lentamente, e como o mar canta, é o mar, que dá alma á renda, em seu tear de espumas.

Na Madeira as mulheres não sabem cantar. O Atlantico emudeceu-lhes a garganta, mas alongou-lhes os olhos, que são humidos como gemas, e longos e profundos de lagrimas, tão tristes, que as estrelas nascem no azul do ceu, e no azul candido das suas pupilas ao mesmo tempo.

Para elas a renda é um rito misterioso e sagrado. Sai das suas mãos, perfumada da essencia que as seivas decantam, das aragens da montanha, dos halitos das arvores, da vida das folhas. Curvadas e tristes, a sorrir esquecidamente a quem passa, bordam todo o dia, caladas e recolhidas, como se a renda fosse oração. Veem as crianças para ao pé das mães, e o circulo alarga-se, e o pombal branco de linho, rufla azas, de remiges já cortadas, que são os enfeites. De toda aquela neve nasce o luar. E a pupila azul das bordadeiras, e os seus dedos finos e tremulos como a tanger cordas de harpa, e a canção da linha, a sussurrar, vão compondo rosaceas, alargando grinaldas, florindo corolas, abrindo azas, entretecendo chimeras, filigranando lagrimas no tecido branco, que já tem um sorriso, que já tem uma lagrima, a que falta apenas uma alma, a alma que lhe confiar a saudade duma despedida.

* * *

Foi um senhora ingleza, que um amor levou á Madeira, que criou a renda. Nasceu assim duma saudade, uma aza branca, que sobre o Atlantico desceu, voou, acenou, chegou até á Escocia... Foi ha setenta anos. Nesse tempo, o bordado era rude e selvagem, duro e pesado. Compunham-no com bilros de Malines, pontos d'Alençon, motivos de Richelieu.

Mas o bordado que tinha nascido tão amorosamente das mãos longas e nuas de beijos duma *miss* romantica, esperando o seu noivo, como Penelope esperava Ulisses, fiando a mortalha de Laertes—tempos depois alvejava em toda a ilha, ganhava caracter, tomava relêvo e adquiria estilo.

Abandonaram-se os pontos consagrados na Europa, ao contacto do povo, o bordado tomou uma beleza sincera, inedita e simples, participando da flora da Madeira. Havia artistas ignorados que desenhavam pequenas maravilhas, que criavam lindos e ingenuos motivos, e iam em peregrinação ás cidades, ás vilas, vender de porta em porta, as rendas frescas e brancas como regaçadas de rosas, perfumadas como elas.

Mais tarde, como era inevitavel, nasceu a industria.

Mas as bordadeiras não entraram nas fabricas, eram do campo e no campo ficaram fiando o linho, cosendo-o, bordando-o e recortando-o, com teimosia e orgulho.

Um dia quizeram matar a industria, mandaram vir maquinas. O povo levantou-se, as mulheres desceram dos montes, os camponezes vibraram as enxadas, e todos, gritando, clamando, desceram á cidade e tiveram-na sitiada emquanto as maquinas não desappareceram.

A Madeira, hoje, apezar de bordar em excesso, não satisfaz os seus mercados.

De todos os paises chegam encommendas. Uma rainha inglesa, mandou fazer á Madeira, o seu bragal de noiva; *misses* loiras e languidas, em lenços, comprados a peso de oiro, pesados a oiro, mais pesados que as rendas, enxugam as suas lagrimas romanticas; americanas altivas, que percorrem os oceanos e a vida, sorrindo, beijando e amando livremente, no convez dos navios, ao aportarem á *Ilha dos Encantos*, atafulham as suas malas, de fino linho, aberto na Madeira.

* * *

Os *ateliers* das bordadeiras são poucos. São mais casas de distribuição de trabalho, que de confecção. Lavam e desenham. Não bordam. Ha bibliotecas de desenhos que têm setenta anos. O bordado tem evolucionado, no sentido de simplicidade que o aproxima muito dos seus primitivos moldes. Nem todo o desenho serve. Tem que ser simples, brincado, abrindo o linho, sem o sobrecarregar excessivamente.

São quasi sempre filhos do povo que desconhecem as escolas industriais, e não sabem lêr, que lêem a renda.

Como se faz um bordado?

Primeiro desenha-se num papel pergaminhado, sem fio, os ornatos; esse desenho é depois sujeito ás maquinas de picotar, que seguem todas as linhas, arredondam todos os enfeites, precisam as flôres, as aves, as grinaldas; d'aí o papel é colocado sobre o linho ou o algodão, passando-se-lhe por cima uma esponja embebida em pó de anil, estampando-se assim o desenho sobre o tecido.

Então é entregue á bordadeira, que o abre, debrua-o a linha perilustre, linha com que ela faz os pequeninos botões, segue fielmente o desenho traçado, alinda-o, arrenda-o, espiritualisa-o—e a renda da Madeira nasce, como a nevoa do luar, como a espuma das levadas e do Oceano, branquinha, fresquinha, a sorrir, como se os dedos de oiro que a tocaram a tivessem miraculado de mil graças, de mil azas e de mil aromas.

A. P.

O NOSSO JORNAL

As festas

AO

Diario de Lisbôa

NO FUNCHAL

Quando da estada do nosso camarada Artur Portela, no Funchal, o importante jornal «Diario da Madeira», ofereceu-lhe no «Golden Gate» um almoço que decorreu no meio da maior cordealidade e camaradagem.

Assistiu toda a redacção daquele jornal, tendo ficado á direita do brilhantissimo poeta Baptista Santos, decorado com as palmas da Academia Francesa o representante do «Diario de Liboa», e á sua esquerda o distincto jornalista sr. Gomes de Sousa. Nos outros logares viam-se Miguel Martnis, chefe dos serviços graficos do «Diario de Lisboa» que acompanhou Artur Portela á Madeira, Raul Teives, P. Correia, Carlos Fernandes, etc. Trocaram-se afectuosos brindes, tendo falado em primeiro logar o chefe da redacção do «Diario da Madeira», que num pequeno mas eloquente discurso, fez o elogio do nosso jornal e do jornalismo moderno. Seguiu-se-lhe Raul Teives que, em palavras repassadas de amisade, se referiu a todos os jornalistas que trabalham no «Diario de Lisboa». Gomes de Sousa brindou pelo sr. dr. Joaquim Manso, traçando o elogio do nosso querido director, e destacando as qualidades de caracter de izenção moral que o caracterisam.

Artur Portela agradeceu todos os brindes, e saudou vivamente o brilhante escritor sr. Reis Gomes que tem conseguido, como director do «Diario da Madeira», imprimir ao jornalismo daquela terra uma feição nova e inedita. Declarou que a homenagem que o «Diario da Madeira» fazia ao «Diario de Lisboa» e ao sr. dr. Joaquim Manso, demonstrava a afectuosidade e a sinceridade das relações que unem os dois jornais.

Fechou os brindes o sr. Baptista Santos, que agradeceu as palavras que Artur Portela tinha dirigido ao major sr. Reis Gomes, que não poude assistir por se encontrar fóra do Funchal, saudando calorosamente o nosso querido director.

* * *

Depois dum admiravel passeio ao Santo da Serra, o sr. Carlos Belmonte, um dos espiritos mais cultos e mais inteligentes da Madeira, ofereceu um almoço ao representante do «Diario de Lisboa», que constituiu uma bela festa, cheia de sinceridade e alegria.

Trocaram-se afectuosos brindes.

* * *

O nosso camarada Gomes de Sousa proporcionou-nos tambem, na admiravel eminencia do Terreiro da Luta, um primoroso almoço, caracterisado por uma franca cordealidade. Na mesa via-se uma curiosa reprodução feita á pena, do «Diario de Lisboa». Foi efusivamente saudado o sr. dr. Joaquim Manso, Alvaro de Andrade, toda a redacção, o sr. Pedro Bordalo Pinheiro e a «Renascença Grafica».

* * *

Não queremos deixar de aludir tambem, entre as muitas homenagens de que foi alvo o «Diario de Lisboa», na Madeira, a festa que lhe ofereceu o ilustre deputado catolico, sr. dr. Juvenal de Araujo, na pessoa do nosso camarada Artur Portela. Houve calorosos brindes.

RUA DO AMPARO

A SAPATARIA MAIS ECONOMICA DE LISBOA

TELEF. C. 2541

COMPANHIA VINICOLA DA MADEIRA, LIMITADA

SUCESSORES DE

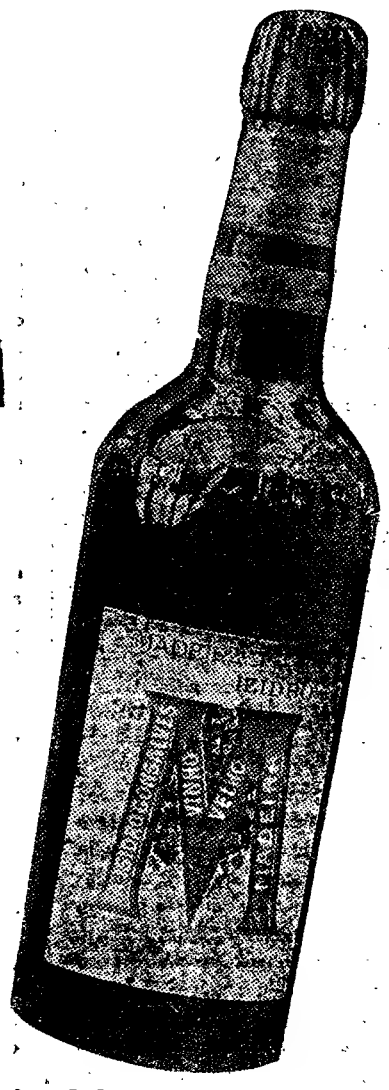
A. IZIDRO GONÇALVES

EST. EM 1870

PRODUCTORES E EXPORTADORES DE VINHOS DA MADEIRA

CASA PROPRIETARIA DOS AFAMADOS VINHOS DA MADEIRA

MARCAS

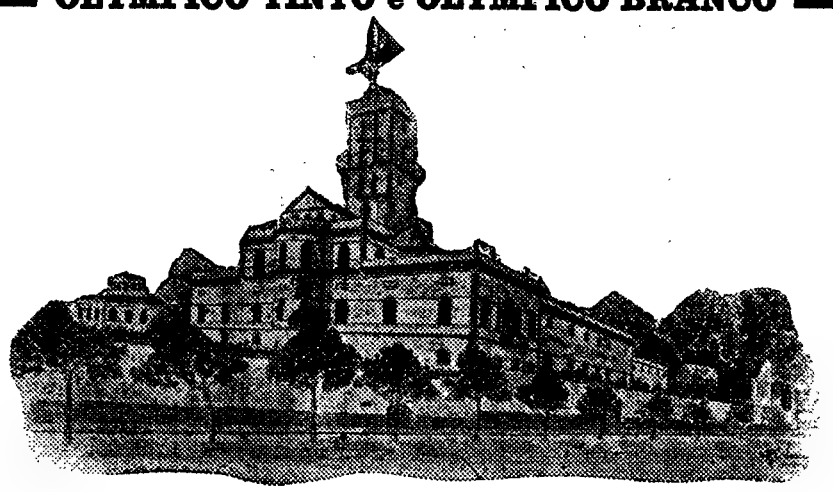


UNIVERSALMENTE CONHECIDAS E AS QUE MAIOR CONSUMO TÊM EM TODO O BRASIL

Premiada com a medalha de ouro na Exposição do Rio de Janeiro 1908 — Grand-Prix na Exposição Internacional do Rio de Janeiro 1922

A Companhia Vinicola tem mais, entre outas, ás excelentes marcas E, Q, Z, quinados R e M e o delicioso vinho de mesa

OLYMPICO TINTO e OLYMPICO BRANCO



Séde: Castelo Olimpico — FUNCHAL

TEATRO SAO LUIZ

HOJE — *Reaparição* da opereta de extraordinario sucesso

A Ultima Valsa

A actriz-cantora *ALDINA DE SOUSA* no papel de *Vera Libernoff*

SABADO — *A Leiteira d'Entre Arroios*,

= APOLO =

AMANHÃ — Sexta feira, 12 — A's 9 1/4 da noite

Inauguração da temporada

ESTREIA

da COMPANHIA OTELO DE CARVALHO

com a revista

O PÉ DE MEIA

original de EDUARDO SCHWALBACH, musica dos maestros *Del Negro e Alves Cocito*

TEATRO MARIA VICTORIA

(Avenida Parque Mayer)

HOJE — ás 20,30 e ás 22,30 — HOJE

ULTIMA SEMANA DE REPRESENTAÇÕES da invencivel revista

FADO CORRIDO

O exito mais colossal dos ultimos tempos!

Quarta-feira, 18 — Festa artistica de Laura Costa. A «reprise» da revista «TIC-TAC»

TEATRO AVENIDA

HOJE — A OPERETA

A Severa

E' a casa de espectaculos que tem em scena a peça de maior exito

---

S. CARLOS Telef. C. 5063

COMPANHIA LUCILIA SIMÕES

HOJE: Concorrencia e entusiasmo

A lindissima peça de enorme exito

A CASA EM ORDEM

Magistral creação de LUCILIA SIMOES

Brilhante programa pelo sexteto — O teatro mais confortavel e os espectaculos mais baratos de Lisboa

Preços sem locação, a qualquer hora do dia: Frisas e camarotes de 1.ª, 32$50; de 2.ª 25$00; 3.ª, 17$50; Terrinhas, 12$00; Fauteuils, 7$500; Varandas 2$000

CINEMA CONDES

A estreia de ámanhã: «Dois amores» por Anita Stewart

Tem conquistado o maior dos exitos o esplendido drama *O roubo*, de Charles Vanel e Lucien Dalsace, sendo um dos seus principais interpretes um dos protagonistas da celebre e empolgante *Casa do Misterio*, cujo extraordinario sucesso está ainda na memoria de todos. Ontem estreou-se o novo «film» *Agora ou nunca*, que hoje se repete, continuando os exibições do colossal «film» de aventuras *O inimigo fantasma*, cujo 3.º capitulo, *A eterna vitima*, é dos mais interessantes. Harold, no programa de hoje, preencherá a parte comica com o seu esplendido trabalho *Caça á raposa*, e amanhã estreia-se a comedia dramatica *Dois amores*, cuja principal interprete é a formossima actriz Anita Stewart.

— GUY D'OLIVEIRA —

ANALISES CLINICAS

Com pratica nos laboratorios dirigidos pelo *Prof. Dr. Agres Kopke*

Urina, sangue, pús, expectoração, Wassermann

Ás classes menos abastadas e doentes de policlinica, preços especiaes.

R. Garrett, 74-1.º **Telef. C. 4186**

UM PROBLEMA IMPORTANTE

O turismo no Funchal

e a regulamentação do jogo

Uma visita ao "Reid's Palace Hotel,,

Sobranceiro ao Atlantico, envolto em arvores tropicais, elegante, moderno, rodeado dum parque de maravilha e encanto, eleva-se o «Read's Palace Hotel».

Dos seus balcões avista-se a baía, toda a cidade, os pincaros mais formosos.

O «Reid's Palace Hotel» é hoje o melhor estabelecimento português, no genero. Quem visitou a «Côte d'Azur», Deauville e Biarritz, fica admirado de ir encontrar na Madeira este belo hotel que tem todas as comodidades. Ha campos para jogos de «tennis» e de «golf, croquet-lawn», dansas, «bon galow restaurant» e uma bela praia, no meio dos rochedos, pegada ao edificio, por um rapido elevador.

O «Reid's Palace Hotel», é uma mansão de encantos, de amor e de esquecimento. Vive-se ali no meio da civilisação e do requinte, com musicas, entre flores, espirito distraido por mil atracções, sempre novas e inéditas. Toma-se banho no Atlantico, com todas as condições de segurança, de dia e de noite, ouvindo o sexteto, interpretar Chopin ou Schubert.

Os salões do «Reid's Palace Hotel», salões de fumo, de leitura, de correspondencia, de jogos, e ainda todas as outras dependencias, irrepreensiveis, e alindadas a primôr, abrem sobre o parque, em grandes e luminosos envidraçados.

O sol e a luz jorram por toda a parte, vem brincar nos cristais e nas pratas das baixelas, é hora das refeições.

Cada salão tem a sua «mise-en-scene» especial, o seu estilo, a sua ordem de mobiliario, que acompanha e exalta os motivos desenhados nas paredes. Fofas tapeçarias, alastram-se pelo chão, côres vivas e garridas, que alegram a retina, saltam das paredes.

A' noite, todo o parque iluminado resplandesce. No «Reid's Palace Hotel», ao ar livre, sobre a frescura incomparavel das noites tropicais, reluzentes de estrelas, em «toilettes» de baile, dansa-se, canta-se, faz-se musica.

Deve-se a Vieira de Castro, ilustre presidente da Camara Municipal do Funchal, um dos mais inteligentes e mais activos banqueiros madeirenses, espirito aberto a todas as iniciativas, a quem os funchalenses tributam uma consideração e reconhecimento inexcediveis, o desenvolvimento deste grande hotel, que bastante tem contribuido para o extraordinario aumento do turismo.

Luigi Gandolfi, um «gentleman», que dirige e orienta inteligentemente o «Reid's Palace Hotel», concedeu-nos uma interessante entrevista, em que se fóca, não só a industria hoteleira, mas ainda o importante problema de turismo na Ilha da Madeira.

—O «Reid's Palace Hotel» conseguiu trazer a esta estancia, no inverno, os turistas que antigamente visitavam a Madeira, apenas no verão. O clima é admiravel. O nosso Dezembro, é o Setembro do continente, temperado e ameno.

—Prepara-se, pois, uma bela estação de inverno.

—O «Reid's Palace Hotel», por meu intermedio, tem relações com as agencias de vapores de todo o mundo, de maneira a fazer derivar para aqui todos os viajantes. A estação de inverno, sob este clima incomparavel, começa no dia 1 de Dezembro e terminará na Pascoa.

—O numero dos «turistas» tem aumentado?

—Muito! Estou convencido que no proximo inverno teremos aqui tantos «turistas» como no verão.

—E os banhos?

—A temperatura da agua permite que, mesmo em Dezembro, haja banhos. Na Madeira, a Primavera é eterna, e as estações pouca diferença fazem. O «Reid's Palace Hotel», tem procurado dar aos estrangeiros todas as comodidades e todas as atracções que eles gosam nos casinos de nomeada. Fazemos deslumbrantes festas no Casino Pavão, que faz parte tambem das nossas instalações, e que tem, como o «Reid's Palace», uma vista admiravel sobre o mar. Lutamos, porém, com uma dificuldade.

—Qual?

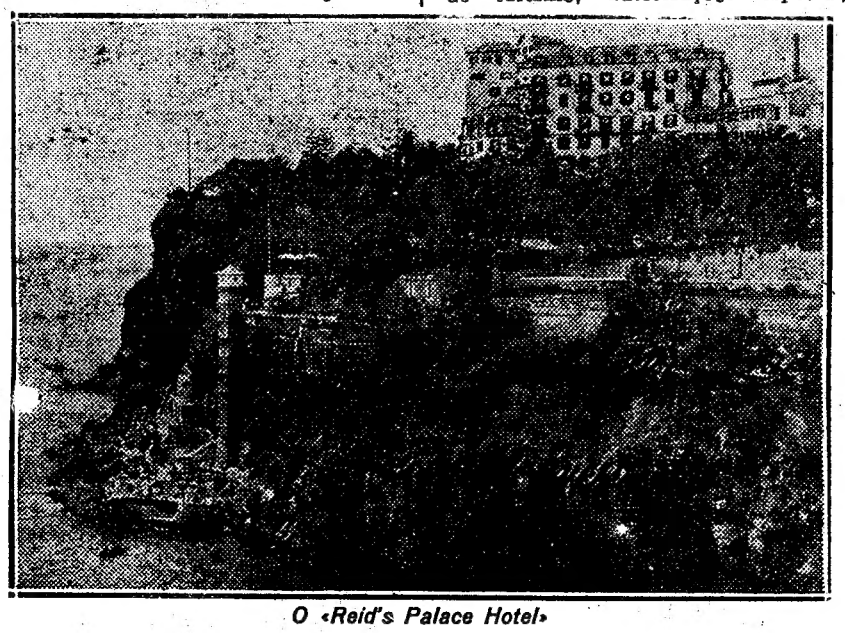
—A questão do jogo. A Madeira, não deseja o jogo para os portugueses, mas apenas para os estrangeiros. Ele é a verdadeira fonte do turismo. A base do desenvolvimento duma terra como esta. Atrai os «turistas», prende-os, demora-os.

—Está proibido...

—Infelizmente. Nos outros paizes, os governos concedem a certos centros de turismo, autorisações especiais para o jogo. E' uma larga fonte de receita, de que beneficiam as casas de caridade, os hospitais, e ainda os municipios!

—De que maneira?

—Os impostos sobre o jogo dariam ao Estado verbas importantes que ele aplicaria na construção e no desenvolvimento das estradas da Madeira.



O «Reid's Palace Hotel»

O «terrasse» do hotel

O «turista» poderia ir assim a toda a parte, porque o preço dos automoveis, pela facilidade do transito desceriam imdiatamente.

—A razão?

—E' em virtude das más estradas que nós temos, que o preço dos automoveis na Madeira, é um pouco mais elevado que no continente. Qual é o «chauffeur», que em risco de romper um pneumatico, ou avariar o carro, não acautela os seus interesses, pedindo ao freguez o dinheiro equivalente ás avarias que se pos... dar?

—E' um bom argumento.

—Mas ha mais. Com o dinheiro retirado do jogo pelo Estado, podia ser paga a policia, hoje mal retribuida na Madeira, e que tão prestante é, dando indicações aos viajantes, reprimindo os abusos, etc. As autoridades devem, não só auxiliar o «Reid's Palace», mas ainda todos os estabelecimentos da Madeira, fornecendo a todos os esclarecimentos que lhes são pedidos.

—Mas isso é talvez um caso afecto ás autoridades...

—As autoridades... não teem feito nada na Madeira. A Ilha trabalha e produz pelo seu esforço particular. O particular já fez tudo quanto poude; é preciso agora que os poderes publicos façam o resto, para completar o que falta, que é muito.

E voltando ao desenvolvimento, Luigi Gandolfi, ponderadamente, diz:

—Não ha turismo sem jogo. Bem sei que ele é uma doença da humanidade, mas é uma doença que se não póde debelar. O português não deve jogar na Madeira, mas entendo tambem que se não deve prohibir o estrangeiro de o fazer. E' a sua mais forte distracção.

—Mas...

—Não queremos fazer da Madeira um Monte-Carlo. Não! O jogo, para nós, não é uma fonte de exploração. E', apenas, um motivo de distracção, entre muitos outros que se oferece aos «turistas».

—A regulamentação?

—Isso mesmo. Regulamentemos o jogo. Um pequeno cartão, com a assinatura do comissario de policia e uma fotografia, era o bastante para o «turista» poder entrar nos casinos. Não podemos impedir o jogo. Tratemos de o canalisar.

—Como se faria a divisão das receitas?

—As receitas que o Estado cobrasse sobre a industria do jogo na Madeira, seriam todas escrupulosamente descriminadas: 10 por cento para a Camara Municipal, e o resto dividido por casas de caridade e hospitais e na construção e conservação de estradas. Ha outro ponto que desejo tocar: A taxa maritima sobre os estrangeiros que desembarcam. E' uma taxa proibitiva, deveras pesada, pois que um passageiro de 1.ª classe, tem que pagar quatro libras e alguns «schelings». Uma ilha como a nossa só tem uma politica a seguir: atrair os navios. As lanchas não deviam custar nada ao «turista», a quem seriam oferecidas todas as facilidades, de maneira que ele pudesse desembarcar rapidamente. A taxa maritima teve este resultado: enfraquecer a navegação para a Madeira, e aumentá-la três vezes mais para as Canarias. Quantos mais «turistas» viessem, mais oiro a Madeira teria e mais copiosas seriam as receitas do Estado. Não é só a nós que a taxa maritima prejudica; o comercio tambem está sofrendo os seus efeitos perniciosos. E' preciso que o Estado encare desde já este problema, de maneira a conjugar todos os interesses existentes, que são os interesses da Madeira.

Rodrigues Irmãos & C.ª

BANQUEIROS

Importadores e Exportadores

FUNCHAL-MADEIRA

Correspondentes em todas as praças nacionaes e extrangeiras

J. M. JARDIM

FUNCHAL
(Ilha da Madeira)

Telegramas: **JIM-FUNCHAL** *Codigos:* **A. B. C. 5.ª EDITION e RIBEIRO**

MARCA REGISTADA

Exportador de Vinhos da Madeira

Apresenta esta casa um completo sortido em vinhos para exportação, recomendando-se a preferencia, pela sua pureza, excelente qualidade e apresentação

Comissões, Consignações e Agencia de Seguros

Tem esta firma varias representações, tanto nacionais como estrangeiras, que a habilitam a satisfazer de pronto todas e quaesquer exigencias no meio comercial e industrial

COMPANHIA PORTUGUEZA DE BORDADOS

FREITAS, SOARES & C.ª

FUNCHAL—MADEIRA

Salão de modas e confecções

Rua da Queimada de Baixo, 20

Salão de vendas

15 — RUA DO ALJUBE — 17

Grande «stock» de altas novidades em bordados da Madeira, feitos á mão.

Grande sortimento em enxovais para noivas, vestidos, blusas, cintos, sombrinhas, cabeções, punhos, colarinhos, golas, camisas de dia, camisas de noite, corpos de saia, calças, saias, barras, entremeios, enxovais para baptisados, vestidos de creança, casacos, camisas, toalhas de mesa, toalhas de chá, centros, roupas de cama, etc., etc., etc.

Exportação de vinhos da Madeira

PELOS

Viticultores e Vinicultores

F. M. SARDINHA & C.º

Rua do Carmo N.os 36, 38 e 38-A

FUNCHAL-MADEIRA

BANCO NACIONAL ULTRAMARINO

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

BANCO EMISSOR DAS COLONIAS

Séde: LISBOA — Rua do Comercio Filial: LISBOA — Caes do Sodré

CAPITAL SOCIAL	CAPITAL REALIZADO	RESERVAS
ESC.: 48:000.000$00	ESC.: 24:000.000$00	ESC.: 30:200.000$00

FILIAIS NO CONTINENTE:

Aveiro, Barcelos, Beja, Braga, Bragança, Castelo Branco, Chaves, Coimbra, Covilhã, Elvas, Evora, Extremoz, Faro, Figueira da Foz, Guarda, Guimarães, Lamego, Leiria, Olhão, Ovar, Penafiel, Portalegre, Portimão, Porto, Regoa, Santarem, Setubal, Silves, Torres Vedras, Viana do Castelo, Vila Real de Traz-os-Montes, Vizeu.

FILIAIS NAS ILHAS:

Funchal (Madeira), Angra do Heroismo e Ponta Delgada (Açôres).

FILIAIS NAS COLONIAS:

Africa Ocidental: S. Vicente de Cabo Verde, S. Thiago de Cabo Verde, Bissau, Bolama, Kinshassa (Congo Belga), S. Thomé, Principe, Cabinda, Loanda, Malange, Novo Redondo, Lobito, Benguela, Vila Silva Porto, Mossamedes e Lubango.

Africa Oriental: Beira, Lourenço Marques, Inhambane, Chinde, Tete, Quelimane, Moçambique e Ibo.

INDIA: Nova Gôa, Mormugão e Bombaim (India inglesa).

CHINA: Macau.

TIMOR: Dilly.

FILIAIS NO BRASIL:

Rio de Janeiro, S. Paulo, Pernambuco, Pará e Manaus.

FILIAIS NA EUROPA:

Londres: Bishopsgate E., **Paris:** 8 Rue du Helder.

FILIAIS NOS ESTADOS UNIDOS:

New-York: 93 Liberty Street.

Operações bancarias de toda a especie no Continente, Ilhas Adjacentes, Colonias, Brasil e restantes paises estrangeiros.

PINTO & SOTTO MAYOR

BANQUEIROS

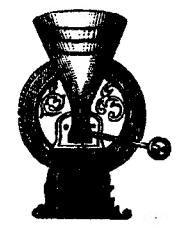
LISBOA	PORTO
RUA DO OURO, 18, 24	PAÇA DA LIBERDADE, 28, 29

REPRESENTANTES EM PORTUGAL DO

BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL

Operações financeiras — Fundos publicos nacionais e estrangeiros

ANTIGA CASA ENCARNAÇÃO



SUCESSOR: M. V. DA FONSECA

Balanças, pesos e medidas. Cofres, fogões, moinhos e torradores. Prensas de copiar e acessorios. Louça esmaltada, máquinas de picar e outras, etc.

25, 27, R. da Victoria, 29, 31 — R. dos Correeiros, 74 a 96

Telefone 3:061 — Encarnação ◇◇◇ LISBOA

N. B. — Não confundir a verdadeira e antiga casa Encarnação, de existencia secular, com outras da mesma industria, que dizem ser a mesma casa

Telefones do "Diario de Lisboa"

Redacção—C. 3194
Administração—C. 3195

DAS 5 PARTES DO MUNDO — ESTRANGEIRO — DAS 5 PARTES DO MUNDO

DE BERLIM

Poderes ditatoriais foram dados a Stressmann

BERLIM, 11

O «Reichstag» aprovou ontem, em segunda leitura, o projecto de lei conferindo poderes ditatoriais ao gabinete Stressmann.

As negociações entre os industriais do Ruhr e as autoridades francesas continuam preocupando os socialistas que nos jornais empregam a mais estranha linguagem contra eles.

As controversias entre Hugo Stinnes e o governo têm aumentado sobre o regresso ao trabalho no Ruhr.

Assegura-se que o governo alemão está preparando uma derradeira nota sobre as reparações, a qual será enviada a todos os paises aliados por intermedio da Comissão das Reparações.

Diz-se que Hugo Stinnes tem a intenção de renunciar ás suas negociações com o general Degoutte, se continuar a ter o mesmo frio acolhimento, tanto da parte do governo francês como do governo alemão.—(Especial)

As finanças
e a grande falta de numerario

LONDRES, 11

Dizem de New-York que ao passo que o governo alemão emite espantosas quantidades de notas, reduzindo cada vez mais o valor do numerario alemão, os detentores da riqueza alemã, os grandes industriais e os grandes comerciantes têm á sua disposição divisas estrangeiras colocadas nos bancos de outras nações, em grande quantidade. Só em notas, moeda e cheques, têm os plutocratas alemães mais de 100.000.000 de libras em valores americanos. Os alemães pagaram a pronto pagamento nos ultimos dois meses nos Estados Unidos as suas encomendas de algodão e de cobre em quantidades superiores ás que foram feitas pela França e pela Inglaterra. —(R.)

A Russia
e a revolução alemã

BERLIM, 11

O presidente da comissão de propaganda dos comunistas russos enviou uma carta aos comunistas alemães na qual considera o triunfo da revolução alemã tão importante para o proletariado europeu e americano como a vitoria da revolução russa ha seis anos, e permitindo remover o centro da revolução mundial de Moscou para Berlim. — (Especial).

O Ruhr
e a volta ao trabalho

BERLIM, 11

O gabinete alemão examinou a questão do retorno ao trabalho dos operarios do Ruhr e as negociações do general Degoutte com os industriais alemães. Stressmann declarou, publicamente, que os industriais tinham procedido lealmente. — R.

Serviço da Republica

Caminhos de Ferro do Estado — Direcção de Estudos e Construção — Serviço de Estudos e Construção da Rêde Sul, Linha de Evora a Ponte de Sôr

ANUNCIO

Pelo presente anuncio se faz publico, que no proximo dia 26 de Outubro do corrente ano, pelas 14 horas, perante a Direcção de Estudos e Construção dos Caminhos de Ferro do Estado, se ha-de proceder á arrematação da empreitada n.º 1 de terraplanagens e obras de arte da linha de Evora a Ponte de Sôr, cuja base de licitação e deposito respectivo, são os seguintes:

Base de licitação..... 65:838$72
Deposito provisorio..... 1:650$00

Os depositos provisorios devem ser feitos até ás 14 horas do dia 25 de Outubro.

O programa do concurso e caderno de encargos, estão patentes na Secretaria do Serviço de Estudos e Construção da Rêde Sul, Rua de S. Mamede, n.º 63, ao Caldas, Lisboa, onde podem ser examinados todos os dias uteis das 11 ás 17 horas, e na Secretaria da Secção de Evora a Reguengos, em Evora, ás mesmas horas.

Lisboa, 1 de Outubro de 1923.

O Engenheiro-Chefe do Serviço de Estudo e Construção da Rêde Sul.

A. Marques

A ACTUALIDADE INTERNACIONAL

O cataclismo no JAPÃO

Horrorosos pormenores
do que se passou em Yokohama

Começam agora a ser conhecidos, mercê dos relatos particulares feitos, sobretudo, pelos estrangeiros residentes em Yokohama, a suas familias, os pormenores da tremenda catastrofe que enlutou o Japão.

Os principais jornais de Paris teem publicado, a tal respeito, cartas interessantissimas; não sendo das menos dignas de registo esta, escrita logo após o cataclismo, no porto de Yokohama, e dirigida para a capital francesa, á mãe do signatario, cuja identidade e idoneidade é testemunhada por M. Jean Brunhes, professor do Colegio de França:

* * *

Diz assim:

Minha mãe: Não sei quando esta carta lhe chegará ás mãos. Não sei, mesmo, se chegará um dia a recebê-la. Nós vivemos, deste ontem ao meio dia numa sucessão de horriveis cataclismos dos quais mal sabemos se sairemos vivos. Escrevo-lhe sob a impressão, ainda, da emoção mais intensa que tenho experimentado em toda a minha vida. E' impossivel sofrer mais sem que se endoideça. Já se deve saber aí que um formidavel tremor de terra destruiu por completo Yokohama, e, ao que se diz, todo o Tokio. A nossa casa desmorou-se em cinco segundos, sendo Henriette e os petizes arrastados pelos escombros. Eu, naquele momento, estava sobre uma jangada, no molhe; pois a jangada afundou-se no mar, partida em duas partes. Nem sei como resisti a tanto! Parece-me ainda um pesadelo. Corri, como um verdadeiro louco, até á nossa casa. Quando lá cheguei, não existia senão um montão de ruinas.

Minha mulher gritava por socorro. Com o auxilio de três homens lá consegui mos, ao fim de um quarto de hora, quebrando e serrando traves, abrir um buraco por onde ela poude sair. Os pequenos, quando se deu a espantosa derrocada, estavam dum outro lado da casa, e por isso se salvaram. Fui buscá-los, e fugimos todos para a beira mar para evitarmos o incendio que, impelido por um vento de ciclone, começava já a fazer razia. Saltámos para uma embarcação, e, agora, estamos instalados a bordo de um vapor carvoeiro, em segurança relativa.

Desde que aqui chegámos, estamos assistindo, sob um ceu de inferno, ao mais formidavel incendio que é possivel imaginar-se.

A' nossa volta, tudo, neste golfo imenso, é um brazeiro fantastico. Que será feito das 500.000 pessoas que o fogo surpreendeu logo após o tremor de terra?

Calcule que vi com os meus proprios olhos atear-se o incendio na casa onde estavam Henriette e os pequenos quando ainda eram poucas as esperanças de os salvar.

O tremor de terra sentiu-se ao meio dia. A's 12,20 começava o incendio, e ás 14 horas, com o ciclone no maximo da intensidade, toda a cidade e as colinas adjacentes eram pasto das chamas.

* * *

Neste momento — 10 da manhã — o mar está negro de fumo e de restos carbonisados. O petroleo, como se romperam os reservatorios enormes que o continham, corre, a arder, pela ruas sulcando a baía com uma formidav l estrada de fogo.

Os tremores de terra succedem-se sem interrupção. Os navios não pódem partir, porque a maior parte deles estão desarmados, e, além disso, nem luz teem para manobrar. Estamos numa atmosfera de bruma, de poeira e de fumo negro tão denso, que, sendo dia, nos julgamos mergulhados na mais caliginosa das noites.

E' um pesadelo; é uma visão fantastica, atroz! Temos que fechar os olhos para não ver tamanho horror.

Que nos reservará o dia de ámanhã?

DE MADRID

Ao Paiz vai dirigir um manifesto o Directorio

MADRID, 11

O general Primo de Rivera esteve ontem a despacho com o Rei, conferenciando tambem sobre varios assuntos de administração publica.

Ao sair do Palacio, o marquês de Estella falando aos jornalistas disse que o seu ajudante lhes leria o manifesto que o Directorio Militar vai dirigir ao pais expondo os seus projectos.

O governador de Madrid ordenou um rapido inquerito á Maternidade em virtude duma denuncia de que se haviam cometido graves irregularidades, apurando-se serem falsos os factos apontados — (E.).

De Manaus
ha boas noticias

MADRID, 11

O comunicado oficial de Marrocos diz que de Drina-Zahamit saíram varias colunas em reconhecimento e outra saiu de Kebdana a Nador e Benihusel a estabelecer contacto entre estas posições, regressando todas sem terem sido hostilisadas.

O comandante geral, regressando de Arzila encontrou no trajecto grandes grupos de mouros com demonstrações de submissão e adesão.

Em Arzila e Larache foi recebido pelos pachás e mouros notaveis, e autoridades espanholas, bem como muito povo.—(Especial).

Dr. Manuel Barbosa
CLINICA GERAL
RUA DO OURO, 191

Dr. Aurelio Lelo Portela
ESPECIALIDADE EM DOENÇAS SIFILITICAS
RETOMOU A SUA CLINICA
Praça Luís de Camões, 6 — Telef. C. 1883

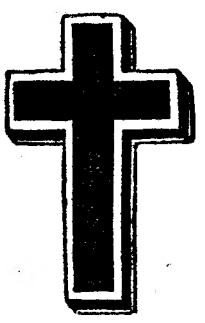
ESCOLA PATRIA
Com cursos de explicações e habilitação para todas as classes dos liceus e curso comercial nocturno abriu já as matriculas e abre as aulas a 16 de Outubro. Expediente das 17 ás 19.
RUA GOMES FREIRE, 189, 1.º

AZEITES
REFINADOS PARA CONSERVAS
DA ACREDITADA CASA
CARBONELL & C.ª (S. em C.)
CORDOBA
Pedidos e amostras aos agentes exclusivos para Portugal
J. Narciso, L.DA
Rua dos Alamos, 7 — LISBOA
Telefone 3121 — N.

DR. LEITE DUARTE
DOENÇAS DA PELE E SIFILIS
Praça Luís de Camões, 36-1.º D.
Telefone C. 1665 Ás 17 horas

STORES DE MADEIRA
RUA DO SECULO, 140

ANALISES — INSTRUMENTOS CIRURGICOS
MOBILIARIO CIRURGICO E SANITARIO
Autoclaves, macas rotadas, cadeiras de repouso, etc.
As principais oficinas d'este genero no paiz
PRODUCTOS CHIMICOS E FARMACEUTICOS
ESTABELECIMENTOS ALVARO CAMPOS
LISBOA — 103, L. Duas Egrejas PORTO — 90, Rua Sá da Bandeira



Alfredo Marcolino de Almeida

FALECEU

Mariana Lucia Morgado de Almeida, Alberto Morgado de Almeida, sua mulher e filho, Raul Morgado de Almeida sua mulher e filhos, Maria Eugenia de Almeida Maia Monteiro e seu marido, Belmira Eugenia de Almeida, Artur Policarpo de Almeida, Maria Baptista Morgado Alves, cumprem o doloroso dever de participarem a todos os seus parentes e pessoas das suas relações que foi Deus servido chamar á sua presença o seu muito querido e chorado marido, pai, sogro, avô, irmão e cunhado e que o seu funeral se ha-de realizar amanhã, 12 do corrente, pelas 15 horas, saindo o prestito funebre da sua residencia travessa do Enviado de Inglaterra, n.º 1, (a Santa Marta), para o cemiterio Ocidental (Prazeres). Não se fazem convites especiais.

6 HORAS DA TARDE — ULTIMAS NOTICIAS — 6 HORAS DA TARDE

FUNCIONALISMO

O pessoal BUROCRATICO da Camara Municipal

REUNE HOJE e reclama a equiparação.

O «Diario de Lisboa», ouviu hoje a comissão de melhoramentos do pessoal burocratico da Camara Municipal de Lisboa, sobre o aumento de salario.

—Em que consistem as reclamações da sua classe?

—No cumprimento da promessa que nos foi feita.

—Aumento de salario?

—A equiparação dos nossos vencimentos aos dos funcionarios dos ministerios. Tanto mais que a comissão executiva já aprovou em principio um projecto nesse sentido, bem como o respectivo orçamento.

—Mas a Camara tem verba para pagamento de subvenções e aumento de vencimentos?

—Sim, senhor. Só da Companhia Carris, recebe ela, de Janeiro a Setembro, 1.740 contos.

—E quanto é preciso para fazer a equiparação de vencimentos?

—Mil e trezentos contos. Como vê ainda fica um saldo.

Fala outro empregado:

—Nós já nos conformamos com o pagamento de todos os vencimentos em atrazo por duodecimos.

—Reunem hoje?

—Reunimos para apreciar uma moção que deverá ser presente nessa reunião da classe.

—Sobre a greve...

—Não pensamos nisso. Queremos levar as coisas por meios suasorios, embora já sejamos apodados de desordeiros, fomentadores de greves, politicos, etc. pelo vereador que mais tem guerrado a melhoria da nossa situação embora recebesse como 1.º oficial quatro contos de subvenção...

—Essa moção que vai ser discutida é para...

—Pedir aos vereadores a reunião extraordinaria do Senado, para resolverem definitivamente a nossa situação que é deveras aflitiva.

—Estão mal pagos?

—Um chefe da secretaria da Camara, recebe menos que um segundo oficial dos ministerios.

Outro empregado, em ar de confidencia:

—A maioria dos escriturarios da Camara, para poderem viver, andam durante a noite, nos restaurantes a servir á mesa, nas barracas da feira a tirarem retratos «à lá minute», e ao domingo vão para a Outra Banda vender carrinhos de linha e atacadores, e ainda outros chefes de «claque» nos teatros...

—O pessoal operario tambem está mal pago?

—Basta dizer-lhe que auferem 5$40 diarios. Ha dias, um dos melhores pedreiros pediu á Camara 30 dias de licença sem vencimento. Foi deferido o seu pedido. Passados 15 dias, foi mandado apresentar para executar umas obras, que não chegaram a principiar por falta de material.

—Para que queria esse operario 30 dias de licença?

—Para trabalhar em obras particulares, onde auferia 12$00 diarios.

* * *

Pelo quadro que segue se vê a desproporção existente entre os vencimentos dos funcionarios municipais e os dos ministerios:

Primeiros oficiais, respectivamente 533$05 — 787$50; segundos oficiais, 477$55 — 630; amanuenses (terceiros oficiais), 389$07 — 489$89; escriturarios praticantes, 311$26 — 410$00; continuos, 282$06 — 347$50; serventes, 275$30 — 342$50.

De resto o artigo 11 da lei 1452 determina que os funcionarios municipais sejam equiparados aos das administrações que são pagos pelo Estado. Porque não se executam, pois, as disposições legais?

ATLAS
A **Casa Atlas** acaba de receber novos tipos de calçado para homem na forma moderna **Presidente**
Rua do Ouro, 198

A TARDE PARLAMENTAR

Ataque á soberania parlamentar?

As negociações sobre Lourenço Marques

As 15,15 abre-se a sessão após um interregno de varios dias. Está muita gente: quarenta e quatro. Veem-se os papeis na mesa e, talvez por efeito da pouca luz que a claraboia deixa penetrar na sala, presentimos temporal desabrido lá para o fecho da tarde.

* * *

Entra o sr. Cunha Leal. Vem de sobrecasaca, porque dentro de horas, com o directorio nacionalista, terá de dizer ao chefe do Estado, o que pensa da politica.

* * *

—Está aberta a sessão...

O sr. Hermano de Medeiros:

—Peço a palavra...

Mais dois ou três pedidos identicos. Vai falar o sr. Cunha Leal. A camara olha-o interessada.

* * *

Acompanhado de abundante gesticulação, o sr. Hermano de Medeiros declara que não pede a atenção do presidente nem dos colegas.

— «... Quero é a dos ministros! Que o caso é grave».

Trata-se do dinheiro despendido com o tratamento dos hidrofobos, e que o orador diz figura no orçamento errado, sendo preciso pô-lo conforme as necessidades que esses enfermos têm de uma conveniente hospitalisação.

Como grande numero de parlamentares converse durante o discurso, o sr. Hermano de Medeiros diz:

— O parlamento não se interessa porque a maioria ou é inconsciente ou não tem consideração pela camara.

A presidencia admoesta os deputados e pede, tambem ao orador, retire as suas palavras, que são um tanto agressivas. Ele assim faz. O seu discurso conclui por reclamação de um combate serio á raiva.

* * *

O sr. Francisco Cruz extranha a maneira como estão correndo os trabalhos parlamentares. Considera-a desprestigiante.

As oposições apoiam esta atitude e o deputado reforça a energia com que pronunciou as primeiras palavras. A sua oração converge, depois, para o sr. ministro das Finanças, criticando a reforma aduaneira e fazendo ressaltar os prejuisos que dela advêem para a nação.

* * *

O sr. Rocha Saraiva, que é ministro do Trabalho responde ao sr. Hermano de Medeiros. O problema da raiva é grave. Mas excede o raio de acção das instituições hospitalares. O combate á horrorosa enfermidade, depende, principalmente, dos municipios. Esta, é a triste verdade: têm-no descurado. Aproveita, o ensejo, e envia para a mesa duas propostas de lei sobre minucias da lei de associações.

O sr. Velhinho Correia, imperturbavel sempre, apesar do vendaval de pancadaria que as suas propostas desencadearam, levanta-se e fala. E' para dizer ao sr. Francisco Cruz que vai analisar o caso da reforma aduaneira.

* * *

O sr. Anibal Lucio de Azevedo pede desculpa á camara por não apresentar ainda o parecer sobre as propostas de finanças. Para [illegible], requer que a comissão [illegible] durante a sessão. [illegible] amanhã um papel... [illegible] destinado ás antigas.

Depois, [illegible] sr. Carlos Pereira, sobre a exportação de lagostas e lagostins.

* * *

O sr. Carvalho da Silva, que limpa sempre os beiços, [illegible] um discurso, naturalmente [illegible] palavras saiam mais escorreitas. [illegible] o sr. Velhinho Correia [illegible] a sua tese de que as propostas de finanças são inconstitucionais. Depois, [illegible] uma carta, recebida pouco antes, [illegible] afirma, tambem, essa inconstitucionalidade.

O sr. [illegible]—Mas quem assina? Pelo andar da carruagem...

O sr. Carvalho da Silva, freneticamente:

—E' um velho republicano, um homem de caracter, um homem que todos respeitam. E' o senhor doutor Jacinto Nunes! E' um dos homens da velha guarda da Republica, e com quem o regimen tanto se orgulha!...

* * *

Fala o sr. Cunha Leal. Atenção e silencio em toda a Camara:

—Apareceu nos jornais a noticia de que se prepara um novo convenio com a União Sul-Africana. A ser verdade, reputa essa iniciativa atentatoria da soberania do parlamento e desejaria preguntar ao sr. ministro das Colonias o que há, o que não pode fazer, por não estar presente. Pede, pois, ao sr. presidente que mande avisar o sr. Rodrigues Gaspar, pois é preciso que o assunto seja tratado. E' uma das coisas mais graves da nossa actual politica, e que está para aí a correr, sem que tenha aparecido qualquer desmentido!

* * *

O sr. Almeida Ribeiro, habitual jurisconsulto da maioria, responde ao sr. Carvalho da Silva demonstrando que a admissão das propostas de finanças foi constitucional.

* * *

Na sala faz-se um vacuo. Desaparecem os «fraks» que tinha dado á minoria nacionalista uma nota de excepcional elegancia. E' o directorio do partido que vai a caminho de Belem, falar com o sr. Teixeira Gomes.

* * *

Veem-se na mêsa, pedidos de licença. A sessão agonisa...

NA ALEMANHA foi creada

uma nova moeda

BERLIM, 11—O governo alemão tomou as primeiras disposições em face da concessão de plenos poderes pelo Reichstag, tendo, entre outras medidas, diminuido o preço do pão, aumentado as taxas fiscais especiais, creado um novo Banco emissor e uma nova moeda, ordenado a fiscalisação dos sindicatos de empreiteiros, etc.—(Especial).

Malas postais

Pelo «Avocita» são ámanhã expedidas malas postais para a Madeira, Las Palmas e Africa Oriental, via Madeira, sendo ás 13 horas a ultima tiragem da caixa geral e fechando os registos ás 11.

Propostas de finanças

O sr. Anibal Lucio de Azevedo, relator das propostas de finanças na Camara dos Deputados, teve hoje larga conferencia com o sr. ministro das Finanças.

A JUSTIÇA...

A extinção DO TRIBUNAL de Defesa Social

UNS FILHOS e outros enteados...

Na Boa Hora, encontrámos hoje o sr. Joaquim Rodrigues de Carvalho, oficial do 1.º oficio do 3.º distrito criminal, servindo no Tribunal de Defeza Social, que nos disse:

—O Tribunal está virtualmente extinto, tendo sido suspensos os julgamentos. Por um projecto de lei aprovado no Senado e que é já lei do paiz, por virtude de não ter sido discutido na Camara dos Deputados no praso fixado na Constituição da Republica, é extinto esse tribunal, dando aos juizes diferentes garantias, como seja o acesso ás altas funcções da hierarquia burocratica ou á da diplomacia.

«Mas a Patria é por vezes madrasta, sucedendo que apenas cuidou de funcionarios de alta categoria, esquecendo-se dos pequenos, que correm riscos quasi iguais.

E explicou:

—Se um petardo nos atingisse, no cumprimento de um serviço imposto por uma ordem superior cuja legitimidade ainda pômos em duvida, lá iriamos para o Além, sem homenagens, sem garantias, deixando os nossos na miseria...

—Porque reputa ilegal essa comissão de serviço?

—Porque não a pedi, não podendo sofrer qualquer castigo sem ser instaurado o respectivo processo disciplinar. O afastamento de serviço para outro analogo sem prejuizo de terceiro a que se refere o regulamento dos funcionarios civis de 22 de fevereiro de 1923 é da exclusiva competencia do sr. ministro da Justiça, que neste caso não meteu «prego nem estôpa».

—De que se queixa então?

—De que me fizessem correr perigos, me afastassem do lugar que exercia e no final não recompensassem os meus serviços.

—Para onde passam os julgamentos dos vadios e implicados em atentados dinamitistas?

—E' natural que os vadios passem para os tribunais comuns. Os bombistas, segundo dizem, vão ser julgados nos tribunais militares.

O "Gran Prix" da Cerveja

foi obtido na Exposição do Rio de Janeiro pela Fabrica «Portugalia», de Lisboa

RIO DE JANEIRO, 10.—O triunfo obtido pela cerveja portuguesa na Exposição Internacional não representou apenas um sucesso para a Fabrica *Portugalia*, de Lisboa, que faz, ha alguns meses, um largo envio dos seus produtos para o Brasil. O principal exito, segundo alguns jornais agora proclamam, reflecte-se em Portugal, pois que o *gran-prix* obtido na respectiva classe pela *Portugalia* mostra não só os progressos da industria nacional, mas tambem a excelencia da marca, que foi a unica tão altamente recompensada pelo juri.

N.—A «Portugalia», tem, na verdade motivos para se vangloriar com o «gran-prix» que lhe acaba de ser conferido, e dessa vangloria queremos tambem compartilhar, porque ela tem reflexos sobre o nome português. As nossas saudações pois á importante fabrica, que honra a nossa industria.

O chefe do Estado e a politica

O sr. Presidente da Republica recebe ámanhã, pelas 4 e meia da tarde, o directorio do Partido Republicano Radical, para o inteirar sobre a situação politica, economica e financeira do paiz. O Directorio do P. R. R. reune esta noite na sua séde, a fim de trocar impressões sobre os assuntos a expôr ao sr. dr. Teixeira Gomes.

MARIO MONTEIRO
ADVOGADO
Encarrega-se de qualquer assunto e dispõe de agentes no Brasil
Consultas das 10 ás 12 e das 15 ás 17.
Telef. 5432—Norte
R. Gremio Lusitano, 40, 1.º—(«Jornal da Europa»)